

# Correio das Artes

Nº  
07



Setembro  
R\$ 12,00

Exemplar encartado no jornal A União apenas para assinantes. Nas bancas e representantes.



poesia que  
**vem das ruas**

Por dentro do "slam", movimento capitaneado por poetas do século 21, que misturam poesia, rap e desafio semelhante ao dos cantadores de viola, em batalhas nas quais a arte e o social saem ganhando

suplemento literário  
do Jornal A União  
**2023**





# Concurso Literário: Minicontos

*Um conto, seu ponto e várias reticências...*

Fruto do diálogo entre A União e o circuito cultural e artístico paraibano, o suplemento Correio das Artes abre-se para receber as contribuições dos escritores paraibanos no **Concurso Literário: Minicontos.**

Mesmo na economia de palavras, a curtíssima narrativa do miniconto consegue sugerir personagens, cenários, contextos, sendo um ótimo formato para as experimentações na arte da escrita e, também, para descoberta e lapidação de muitos talentos.

Traduza a sua imaginação em palavras e inscreva até cinco minicontos. Seus textos poderão ser publicados em antologia a ser lançada pela Editora A União. Participe!

**Inscrições gratuitas**  
**Até 11/08**



marketing epc

# 'Slam' é o grito das ruas

A arte está em constante transformação e convive, no tempo e no espaço, com diversos estilos, gêneros e produções, do tradicional ao futurista. Em pleno 2023, os violeiros carregam a cultura dos trovadores de séculos passados, enquanto programas equipados com inteligência artificial produzem, sozinhas, músicas e poemas, entre outras expressões artísticas.

Esta edição do Correio das Artes lança um olhar em uma expressão que surgiu recentemente no Brasil - não mais que 20 anos - e que, paulatinamente, vem ganhando adeptos em todo o mundo, inclusive na Paraíba: o slam, misto de poesia, rap e desafio de cantadores de viola.

Os chamados “slammers” são uma espécie de poetas sociais do século 21, que se costumam se apresentar em “batalhas” para ver quem tem o discursos mais afiados. Os versos são entoados com vigor e, não raro, indignação, afinal em boa parte das apresentações, os discursos abordam

Apesar do palco ser a “batalha” entre “slammers”, todos saem vencedores, dos participantes que constroem uma nova expressão no meio artístico, até a sociedade, como um todo, a partir do caráter educativo que o slam carrega em suas rimas

desigualdades, injustiças e vários tipos de violência, expelidos a partir do grito preso na garganta.

A repórter faro-fino Alexandra Tavares mergulhou na pauta. Foi ouvir dos responsáveis por organizar as primeiras competições de slam no Brasil como as competições faladas chegaram ao país, o propósito da expressão e quem dela participa.

Além de “slammers” e promotores de evento, a reportagem também ouviu professores que começam a estudar a manifestação artístico-cultural-social nas rodas acadêmicas de ensino, mostrando o valor que o slam já têm na sociedade.

Tudo isso ao longo de quase 10 páginas, cuja conclusão é que, apesar do palco ser a “batalha” entre “slammers”, todos saem vencedores, dos participantes que constroem uma nova expressão no meio artístico, até a sociedade, como um todo, a partir do caráter educativo que o slam carrega em suas rimas.

## índice

### 13 / streaming

Autor do romance 'O que Pesa no Norte', Tiago Germano reflete sobre a reinvenção do Nordeste no audiovisual a partir do sucesso da série 'Cangaço Novo'.

### 18 / Cuba

Clarriser: em sua coluna, a professora Analice Pereira entrega uma entrevista exclusiva com o escritor e editor cubano Jesús J. Barquet, radicado nos EUA, sobre a literatura, em especial a hispânica na América.

### 24 / cinema

A professora Genilda Azerêdo passa uma lupa sobre o filme 'Retratos Fantasmas', o ensaio-documentário do diretor Kleber Mendonça Filho, indicado do Brasil a uma vaga na disputa pelo Oscar 2024.

### 27 / poesia

Em 'Festas Semióticas', o professor Amador Ribeiro Neto avalia dois livros do jovem poeta Felipe Nascimento: "Ele livra o eu lírico tanto do chorô poético, como do oba-oba gratuito".

### 32 / entrevista

O escritor paraense Lucas Lazzaretti, autor de obras como 'O Escritor Morre à Beira do Rio', fala, em entrevista exclusiva, sobre aspectos que caracterizam a novíssima literatura brasileira.

### 38 / tributo

Professor José Mário da Silva celebra os 90 anos do seu confrade na Academia Paraibana de Letras, Gonzaga Rodrigues, através de belo artigo sobre o cronista-mor da cidade de João Pessoa.



SECRETARIA DE ESTADO  
DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL



Naná Garcez de Castro Dória  
Diretora Presidente

William Costa  
Diretor de Mídia Impressa

Amanda Mendes Lacerda  
Diretora Administrativa,  
Financeira e de Pessoas

Rui Leitão  
Diretor de Rádio e TV

Correio  
das Artes

André Cananéia  
Editor do Correio das Artes

Paulo Sérgio  
Diagramação

Domingos Sávio  
Arte da capa

Tonio  
Ilustrações

OUVIDORIA: (83) 99143-6762

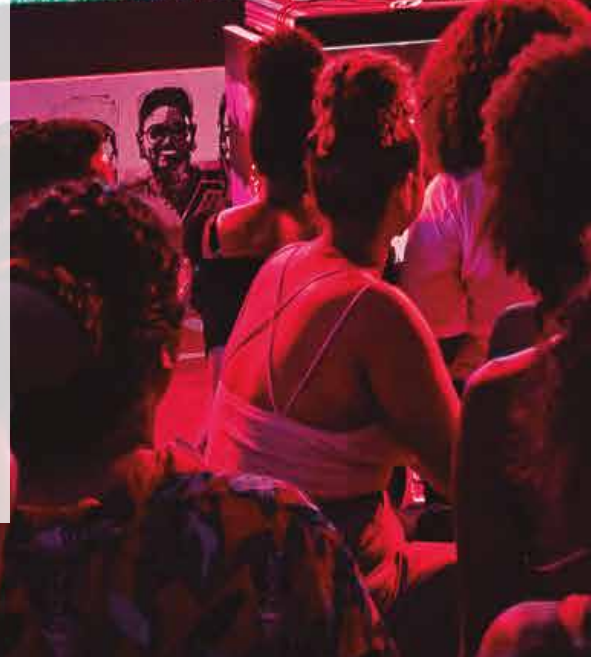


# Uma batalha que emana poesia

Alexsandra Tavares  
lekajp@hotmail.com

A arte exercida por meio da voz sempre esteve presente na história da humanidade. Foi assim com os trovadores europeus da Idade Média, com os repentistas do Nordeste brasileiro, com os Griôs africanos, o hip-hop norte-americano e muitos outros que contribuíram com a formação de uma árvore genealógica da cultura da palavra. Cada qual apresenta suas especificidades e identidade, mas bebe da mesma fonte - a oralidade, como aliada do fazer artístico. Uma dessas expressões que surgiu na década de 1980 e está ganhando força no mundo, sobretudo no Brasil, é o *slam* de poesia.

Para quem nunca ouviu o termo, vale destacar que a prática envolve literatura, performance, disputa, além de muita adrenalina e diversão. O *slam* de poesia ou *Poetry Slams* é um torneio de poesia falada, onde os poetas (*slammers*) declamam os versos, obrigatoriamente autorais, em um ambiente competitivo, formado pelo público, o apresentador/mediador (*slammaster*) e os jurados, que escolhem o vencedor da melhor poética. O *slammaster* também pode assumir o papel de produtor do evento.





Por dentro do 'Slam',  
movimento que agrega  
torneios entre poetas  
de língua afiada e  
versos cortantes,  
com performances  
recheadas de  
adrenalina, arte e  
diversão





“De forma resumida, os *slams* são batalhas de poesia, com regras específicas e variáveis, a depender do contexto em que ocorrem. Essas batalhas acontecem em diversos países do mundo e, cada vez mais, se articulam em redes locais, nacionais e internacionais, difundindo a ideia da democratização da voz, da palavra, da poesia, da literatura. No Brasil, iniciou-se em 2008, e a responsável por trazer os *slams* para cá foi a Roberta Estrela D’Alva (atriz-MC, diretora e poeta)”, afirmou a professora potiguar Itamara Patrícia de Souza Almeida, que é pesquisadora e doutoranda em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Itamara é estudiosa do tema, e concentra suas pesquisas nos *slams de poesia* do Nordeste. Segundo ela, as regras desse evento, em linhas gerais, são as seguintes: o poeta se inscreve na hora da batalha, com quem estiver “puxando” (apresentando) o *slam* e o tempo máximo para cada apresentação é de apenas três minutos. Ultrapassar esse tempo acarreta penalidades.

Os jurados, geralmente, são pessoas escolhidas aleatoriamente no público. Durante as performances não é permitida a utilização de qualquer adereço, acompanhamentos musicais, cenário ou figurinos. Tudo está concentrado na postura do poeta em cena, ou seja, seu corpo e sua voz. “Os poemas podem ser lidos, mas como a avaliação é pelo conjunto do desempenho, o comum é que os participantes tenham os textos decorados, para melhorar a performance”, frisou a professora.

Outro componente presente nas batalhas é o matemático, pessoa responsável por somar as notas que os jurados atribuem aos *slammers* durante a disputa.

A *slammer*, produtora cultural, MC e estudante do curso de Comunicação em Mídias Digitais na UFPB, Isadora Palhano, mora no bairro dos Bancários, em João Pessoa, e faz parte da organização do *Slam da Paz* e do *Slam Subversivas*. Ela declarou que, apesar dos temas apresentados nesses eventos serem livres, uma característica da poesia declamada no *slam* no Brasil é a abordagem de assuntos que reivindicam direitos, num tom mais agressivo, como um levante de bandeiras abordando diversos tipos de desigualdades, injustiças e violências. “Mas nada impede um *slammer* de recitar uma poesia com uma cadência mais lenta, falando sobre amor. O *slam* não tem essa delimitação. A poesia dita



FOTO: ARQUIVO PESSOAL

Estudiosa do ‘slam’, a professora Itamara Almeida: poemas decorados para melhorar a performance

no *slam* nada mais é do que poesia, não tem como confundir com outra coisa”, enfatizou Isa, que é conhecida como Isadroga, segundo ela, “porque vicia.”

Já a *slammer* e professora de História, Cristina Adelina de Assunção, ou Cris Assunção, vive em outro recanto do Brasil, bem distante, geograficamente, de Isa, mas ambas são produtoras de *slam*. Cris é moradora da Cohab 1, bairro periférico da Zona Leste de São Paulo, cidade considerada a capital nacional dos *slams* no país. Ela faz parte da organização do *Slam da Guilhermina*, idealizado em 2012 pelo seu marido, o poeta Emerson Alcade.

Cris explicou que na batalha de poesia há cinco jurados. “Eles vão julgar os poetas, dando nota de zero a 10. Todos os poetas recitam na primeira rodada, passam cinco para a segunda rodada, e

três para a terceira. O campeão da noite é quem atingir maior pontuação.”

O curioso é que no universo dos *slams*, algumas regras são adaptadas. Por exemplo, no *Menor Slam do Mundo*, o tempo de declamação da poesia é de 10 segundos ao invés de três minutos, como a maioria já convencionou. Já em outros, ao invés de darem notas, os jurados atribuem cores para classificar a melhor poesia, como acontece no *Slam 188*, do Rio de Janeiro.

O que parece ser imutável é a exigência da criação da poesia - que precisa ser autoral, bem como a participação do público, dos jurados, e a ausência de adereços ou música durante a declamação. Nos intervalos da disputa, quando ninguém está competindo, é permitida atração musical. Os organizadores também podem reservar um espaço para os *slammers* que desejam expor sua poética, mas sem rivalizar. É o que chamam de “microfone aberto”.

Em todo o mundo, os *slams* são batizados pelos seus idealizadores e, entre os principais de São Paulo, Cris Assunção citou o ZAP!Slam -Zona Autônoma da Palavra, o primeiro do Brasil, criado pela Roberta Estrela D’Alva; e o *Slam da Guilhermina*, o segundo a aportar em terras brasileiras, com o diferencial de ser o pioneiro em realizar a competição

FOTO: ARQUIVO PESSOAL



Para Isadora Palhano, o ‘slam’ nada mais é do que poesia: “Não tem como confundir com outra coisa”



FOTO: ARQUIVO PESSOAL

Cris Assunção, de São Paulo, capital nacional do 'slam', com aproximadamente 40 eventos atraindo a atenção de poetas e 'slammers'

na rua, longe das paredes de qualquer edificação.

Ela ainda destacou o *Menor Slam do Mundo*, o *Slam do Grito do Ipiranga*, o *SlamOZ*, em Osasco e o *Slam do Treze*, no Largo Treze, na Zona Sul de São Paulo. “A *Guilhermina*, o *Treze* e o *ZAP* se destacam pela sua permanência e continuidade. Mas, também temos *slams* novos. Em São Paulo existem, mais ou menos, 40 *slams* atualmente”, disse Cris.

Dados do *Campeonato Brasileiro de Slam* – o *Slam BR*, mostram que, em 2019, existiam 266 *slams* no país. De lá para cá, esse número já deve ter crescido bastante pois, segundo Cris, houve um *boom* no número de participantes desde que o movimento foi adotado pelos brasileiros. “Em outros lugares do mundo, não se vê uma explosão de *slams* de poesia como aqui”, comentou a professora.

Outro fato importante são as espécies de “franquias” de *slams* que se espalharam pelos estados. Não é raro se vê um *slam* que nasceu em determinada região, sendo executado com a mesma denominação em outra. Por exemplo, o primeiro *Slam das Minas* foi criado no Distrito Federal, em 2015. Ele foi inovador, pois, numa época em que predominavam nas batalhas apenas homens, o *Slam das Minas* foi o primeiro a concentrar o foco na participação feminina. Depois dele, foram surgindo outros *Slams das Minas* em São Paulo, no Rio de Janeiro, em Porto Alegre, na Bahia, na Paraíba, no Ceará, enfim, são vários com o mesmo perfil, contudo, com organizadores diferentes.

## Origem

O maior consenso entre os pesquisadores é que o *slam* surgiu em meados da década de 1980 nos Estados Unidos (EUA), mais precisamente na cidade de

Chicago, estado de Illinois. O idealizador foi um trabalhador da construção civil, e também poeta, Marc Kelly Smith. Em um bar de jazz, onde costumavam ocorrer declamações e saraus poéticos, Smith resolveu fazer uma “batalha de poesia” e, junto com seu grupo, Chicago Poetry Ensemblage, criou o *Show-Cabaré-Político-Vaudevilliano*. A ideia era ironizar a declamação formal e elitista, popularizando a poesia.

“Ele fazia uma espécie de ‘vaquinha’, e o dinheiro arrecadado ia para o poeta vencedor. Essa expressão, o *Poetry Slams*, vem do *spoken word* ou palavra falada. É a poesia dita no microfone, não apenas escrita, mas recitada”, contou Cristina Assunção. Se fizermos o recorte apenas da palavra *slam*, o termo significa uma onomatopeia oriunda do Inglês, uma expressão semelhante ao *boom*, *bang*, *crash*, tão comuns nas histórias em quadrinhos. “E *slam* seria uma batida de porta, a porta vem e... *slam!* E essa batida se tornou sinônimo de batalha, de confronto”, frisou.

A prática iniciada por Marc Smith só chegaria ao Brasil entre 2008 e 2009, por meio da atriz-MC, diretora e *slammer* Roberta Estrela D’Alva, que faz parte de um coletivo teatral chamado Núcleo Bartolomeu de Depoimentos. Cerca de 15 anos após o feito, ela deixou no **Correio das Artes** uma dica para os estreatantes das batalhas: “Para os jovens, eu diria que foquem menos na competição e mais no encontro, nessa possibilidade de encontro que o *slam* traz”.

Roberta reconhece que a competição de poesia falada está inserida no mundo do capitalismo, da disputa, no entanto,

existe muito mais coisa que se pode ganhar durante o evento. “*Slam* é formação de comunidade. Então, aproveite as amizades, as relações, foque mais na comunidade do que na competição”, completou.

A reportagem perguntou à poeta sobre o motivo que a fez trazer o *slam* para o Brasil. Em resposta, ela enviou um link de uma entrevista que concedeu ao canal cultural do Sesc, o SescTV, em São Paulo. No vídeo, Roberta contou que, em 2008, São Paulo já vivia um momento prolífero de saraus, e ela foi amadurecendo o desejo de realizar um desses encontros. “Mas eu não conhecia o *slam*, nem tinha ouvido falar em *spoken word*, essa competição de poesia falada como se chama pelo mundo”.

Além de integrar a equipe do Núcleo Bartolomeu de Depoimentos, a *slammer* também participava do grupo Frente Três de Fevereiro, que a apresentou, por meio de um vídeo, o *slam*. “E eu me perguntei: que universo é esse que eu nunca ouvi falar?”. Então, ela aproveitou que iria viajar para Nova Iorque, realizar um trabalho de pesquisa, e lá visitou alguns *slams*. “Quando eu cheguei ao Brasil, comecei a procurar *slam*. Como não tinha nenhum, disse: vamos fazer o primeiro *slam*, que foi o *ZAP! Slam - Zona Autônoma da Palavra*, que acontecia na sede do Núcleo Bartolomeu de Depoimentos, no bairro da Pompeia. E desde a primeira noite, já lotou”, comentou a poeta.

A rápida aceitação e adesão do *slam* no Brasil, segundo ela, pode ser explicada porque o evento é um espaço aberto para a diversidade, um lugar onde qualquer pessoa pode ter vez e voz, apresentando seus versos. Estrela D’Alva enfocou que as batalhas são um misto de competição e programa de auditório, pois o próprio Marc Smith já dizia que o espaço reúne elementos de show, curso, *vaudeville* e cabaré. Para ela, o principal ponto do *slam* é a performance, que não se restringe apenas à atitude do poeta, mas a tudo que permeia o ambiente da competição, e isso inclui o público, o *slammer* e o local do evento, numa manifestação coletiva. “Tudo faz parte da performance do jogo”, ressaltou Roberta.



## Mulheres marcam cada vez mais presença no evento

A partir da criação do *Slam das Minas DF*, em 2015, pela poeta Tatiana Nascimento, as mulheres se motivaram a abraçar esse movimento com mais força, e assim surgiram outros “clãs” femininos nos estados brasileiros, como o *Slam Dandaras do Norte*, *Slam das Manas* e *Slam das Mulé*, só para citar alguns exemplos. Hoje, a presença delas já é marcante nas batalhas e, na lista de vencedores do *Slam BR*, as poetas ficaram em primeiro lugar durante cinco edições consecutivas (2017 a 2021).

As campeãs do *Slam BR* nesse período foram Joice Zau (2021), Jéssica Campos (2020) e Kimani (2019), todas do estado de São Paulo. Em seguida vieram Pieta Poeta (2018), de Minas Gerais e Bell Puã (2017), de Pernambuco. “Acredito que isso tem a ver com a organização das mulheres, essa rede de apoio que se formou, porque o *slam* não é só competição, é uma organização. Em Pernambuco, por exemplo, existe o *Coletivo Slam das Minas*, onde elas se organizam enquanto coletivo e depois produzem as batalhas”, explicou a professora e pesquisadora Itamara Patrícia de Souza Almeida, doutoranda em Letras pela UFPB.

De acordo com ela, outros elementos estão envolvidos para além das batalhas. “Dentro da periferia e junto com ela, há uma disputa para que esses locais sejam legitimados, evidenciados”, completou.

Itamara ressaltou que a participação das mulheres se dá numa realidade de enfrentamento, num universo masculino, e essa postura não começa com os *slams* de poesia. Alguns movimentos que antecederam os torneios de poesia falada foram o *hip hop* e os *saraus* modernos. Segundo ela, estes se conectam com a estrutura do *slam*, porque “existia uma lógica” masculina neles, principalmente, logo que chegou ao Brasil.

As mulheres, portanto, tiveram que se organizar para adentrarem esse mundo onde somente os homens eram protagonistas. “Então, a participação da mulher ocorre a partir dessa estrutura patriarcal, masculina, que também passa esses lugares que reivindicam a Justiça, como as competições de poesia”, enfocou Itamara. À medida que foram se fortalecendo, as poetas conquistaram espaço, tornando-se não apenas *slammers*,

mas também atuando como mediadoras, organizadoras das competições e subindo no lugar mais alto do pódio nesse jogo da oralidade poética.

O produtor cultural, escritor e um dos idealizadores da Festa Literária das Periferias (Flup), Júlio Ludemir, reafirmou o teor patriarcal das competições de poesia falada no país. De acordo com ele, em 2015, no primeiro *slam* nacional organizado pela Flup, algumas poetas expuseram sua insatisfação com o meio em que estavam inseridas. “Algumas mulheres se reuniram e falaram desse incômodo de o *slam* ter se tornando uma cena machista, tal como o *hip hop* é machista, mesmo que ele não queira

FOTOS: DIVULGAÇÃO/FLUP



“Clãs” femininos: presença das mulheres é marcante nas batalhas; elas, inclusive, venceram o ‘Slam BR’ durante cinco edições consecutivas



Através do QR Code acima, veja uma trecho da final do ‘Slam Nacional’ promovido pela Flup, no Rio



ser, porque são muitas vozes masculinas falando. Então, elas formaram o *Slam das Minas*", destacou.

Ludemir disse que, ainda em 2015, o primeiro *slam* de abrangência nacional, realizado pela Flup, teve como campeã uma mulher negra e bissexual, a Luz Ribeiro. "E nessa época, você já via na poesia dela uma narrativa das violências que nós, homens, cometemos contra o corpo, a fala, a mobilidade das mulheres. No poema, o qual ela ganhou e foi ovacionada, Luz dizia que era 'puta' por causa do olhar machista do homem, que não a deixa vestir certas roupas", declarou Júlio.

A negritude feminina também se fez protagonista nas batalhas de *slams* de poesia no Brasil. O quinteto feminino que venceu as edições do *Slam BR* - de 2017 a 2021, conforme Júlio Ludemir, foram mulheres negras. "Por que isso? Porque quando o *slam* começa no Brasil, o primeiro corpo que se destaca é o mesmo corpo dos saraus, que por sua vez é o mesmo corpo do *hip hop*: a virilidade, a potência do homem negro da periferia. O Sérgio Vaz, o Ferréz e outros eram MCs frustrados e se tornaram grandes organizadores de saraus da periferia de São Paulo. Depois, formaram a primeira geração do *slam*, ou seja, uma geração que tem o mesmo corpo e a mesma voz do sarau e do *hip hop*", explicou Júlio, acrescentando que os herdeiros dessa turma constituíram a primeira leva de *slammers* no país.

Para ele, o primeiro *Slam das Minas* funcionou como um rastilho de pólvora, se espalhando por todo o país, e ainda com o diferencial de organizar o movimento pelos estados. "A nacionalização do *slam* no país passa muito pelas mulheres. Com as grandes *slammers*, e *slammasters* você passa a ter também uma questão de gênero, seja queer, seja feminina", ressaltou Ludemir.

Na Paraíba, a *slammer*, produtora cultural, MC e estudante Isadora Palhano, ou Isadroga, contou que quando começou a se apresentar nas batalhas tinha 16 anos. Nesse início, ela sentia uma certa "fragilidade" em expor sua poética, suas ideias para o público. Além disso, tinha dificuldade de se deslocar até os locais dos eventos, já que ocorriam no período da noite e, como mulher, se sentia insegura. "Tem ainda a questão do machismo entre os poetas e também por parte do público. A gente vê algumas situações que fica óbvio o problema da desigualdade diante de uma organiza-

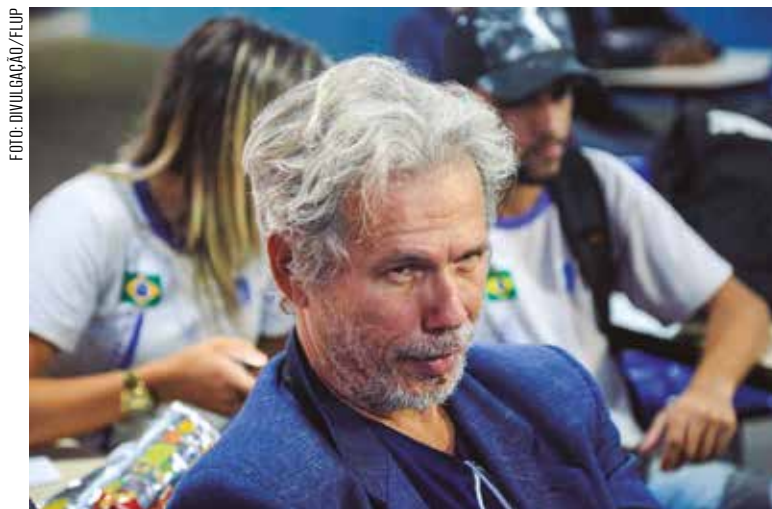


FOTO: DIVULGAÇÃO/FLUP

dora mulher ou uma poeta".

Mas, vencidos alguns obstáculos, Isadora já tem no currículos algumas conquistas no universo dos *slams*. Já participou e organizou várias batalhas e foi vencedora da seletiva estadual da Paraíba no ano passado, representando o Estado no *Slam BR 2022*, ocorrido na comunidade da Maré, Rio de Janeiro, em parceria com a Flup. "A experiência já começou com a viagem até o Rio. Lá, fiquei no quarto com algumas manas incríveis, de vários estados. Cada uma, e cada um - porque também tinha muito boy, com sua vivência. Foi uma oportunidade de ver a força da nossa arte e a confraternização que a poesia traz", afirmou Isa.

## Lugar de fala, escuta e aprendizado

"O *slam* é um grande jogo, é uma grande brincadeira. Por mais que se queira ganhar, eu vou ali para dizer o meu poema e ouvir outros inúmeros poemas. É uma ágora, é um momento presente partilhado por pessoas em torno da palavra interpretada", enfocou Júlio Ludemir.

O evento literário, realizado no Rio de Janeiro, tem o objetivo de estimular a produção de livros, formar e descobrir escritores talentosos, sobretudo oriundos da periferia. Desse projeto já resultaram 30 obras de autores crias da Flup como Giovani Martins, Ana Paula Lisboa, Yasmim Tainá, Raquel Oliveira e Lindacy Menezes. A cada edição, o evento é realizado numa favela carioca e esse ano ocorrerá na comunidade da Providência, em outubro.

Júlio contou que o projeto surgiu porque conseguiu perceber que "esta-

Júlio Ludemir, da Flup: "Slam' é uma ágora, é um momento presente partilhado por pessoas em torno da palavra interpretada"

va em curso, no Brasil, a formação de uma geração de escritores da periferia, particularmente mulheres e negras". "E a gente abriu espaço para isso dentro do nosso processo de formação, sempre voltada à produção de livros."

Mas em 2012, quando Ludemir e Écio Salles idealizaram a Festa Literária das Periferias, não existiam as competições de poesia falada na Flup, elas só foram incluídas na programação em 2014. "Hoje, pelo menos metade da programação da Flup, ou mais, tem sido dedicada ao *slam*", comentou Júlio Ludemir. Isso porque, foi por meio da declamação performática de poesias, do público que se aglomerava em locais públicos e privados para criar e recitar versos, que se vislumbrou um celeiro de novos autores.

"Desde que a gente começou a fazer *slam*, a gente encontrou a vocação periférica da Flup. Quando a gente transformou a Festa Literária numa grande batalha de *slam*, a gente se diferenciou dos demais festivais. Desde 2014, reunimos 16 poetas por ano, de 16 países, para dizer poesia durante três ou quatro dias. Temos um *slam* nacional, um internacional, um colegial, um indígena, um de pessoas trans, e outros *slams*", explicou o produtor cultural.

Este ano, a Flup ocorrerá de 12 a 22 de outubro, mas entre os dias 12 e 15 o foco serão as batalhas que reunirão 40 poetas, cada um de um país. "Serão os 40 poetas campeões de 40 países. Vai ter poeta africano, europeu, colombiano,

canadense, israelense, japonês, entre outros. Porque a Flup se alimentou do *slam* e, ao mesmo tempo, alimentou o *slam*", relatou Júlio.

Para ele, o ambiente das competições vai muito além da vontade do *slammer* de querer ser o melhor, esse pode ser o impulso primeiro, mas no decorrer do percurso, uma série de ensinamentos são assimilados. "O fundamental é ver as pessoas, é partilhar ideias. É uma brincadeira, é lúdico. Você não vai para um *slam* só para dizer poemas, vai para ouvir poemas. Você diz três poemas e ouve 60. Então, o que pode existir de mais importante do que isso? Eu não sei", ponderou.

A programação da Flup também traz inúmeros convidados, escritores da nova geração e também os já consagrados. Já passaram pelo evento nomes como Ariano Suassuna, João Ubaldo Ribeiro, Gilberto Gil, Lázaro Ramos, Nélide Piñon, Roberta Estrela D'Alva e Sérgio Vaz. Os participantes assistem a palestras, debates, aulas espetáculos e outras ações culturais. "A Flup é um diálogo entre o centro e a periferia, no sentido de mudar ambos", afirmou.

Roberta Estrela D'Alva também concorda que o *slam* de poesia é uma oportunidade de troca de conhecimento. "Ele acaba se tornando um espaço de convivência, de encontro, de representatividade. Se a gente considerar que a literatura oral, a oralidade, a poesia falada também fazem parte da Literatura, e são maneiras de a gente vivenciar a arte, a cultura e a educação, os *slams* se transformam, sim, em um lugar de educação não convencional", enfocou.

Ela ressaltou a existência do *Slam Interescolar SP*, criado pelo poeta paulista Emerson Alcade. Segundo Roberta, os professores que estão na sala de aula aprovam a iniciativa. "Então, para além das ruas, onde isso já acontece naturalmente, de uma maneira não institucionalizada, o *slam* caiu como uma luva também nas escolas", salientou Estrela D'Alva.

## Poesia na sala de aula

A criação de poesias e a organização de *slams* são ensinamentos que podem ser obtidos na escola, por meio de iniciativas como a do Coletivo *Slam da Guilhermina* que, em 2015, criou o *Slam Interescolar SP*. O coletivo possui um



FOTO: ARQUIVO PESSOAL

Atriz-MC, Roberta Estrela D'Alva trouxe as batalhas de poesia para o Brasil: "Slams" se transformam em um lugar de educação não convencional"

grupo de poetas formadores que atua em escolas públicas e privadas de São Paulo, dando orientações sobre poesia e performance. O público alvo são os alunos do Ensino Fundamental II e do Médio.

Até agora, 330 escolas paulistas já se interessaram pelo projeto, que também possibilita aos estudantes participarem da disputa de poesia falada entre escolas.

A realização das batalhas de poesia em cada unidade educacional fica por conta da própria escola. Professores e alunos recebem dicas dos poetas formadores de como organizar o evento. Segundo o *slammer*, produtor, poeta e idealizador do *Slam da Guilhermina*, Emerson Alcade, o estudante que recebe o conteúdo não arca com custos extras. "As aulas são gratuitas, a não ser que não tenhamos o apoio de nenhum tipo de edital, como já ocorreu. Nesse caso, as escolas fazem uma contribuição para viabilizar a ida do poeta até a sala de aula."

Emerson afirmou que não há regra para criar a poesia apresentada nas batalhas, nem tampouco preocupação com métrica. A rima também é um elemento opcional. Mas, o aprendiz tem de ficar atento ao tamanho da poética, que não

pode ultrapassar três minutos de fala. "Pode durar um segundo, você pode dizer só uma palavra e ir embora, como pode durar até três minutos. Fora isso, não há nenhuma regra estilística ou linguística. A pessoa simplesmente fala", contou Alcade.

O matemático do *Slam da Guilhermina*, Uilian da Silva Santos, também chamado de "Chapéu", declarou que, após a realização dos *slams* nas escolas, os poetas finalistas participam de uma seletiva on-line. Os representantes das escolas que ficarem entre as primeiras colocações se classificam para a final da competição, que acontece de forma presencial, no mês de novembro, em algum espaço público na região central da cidade.

Os ensinamentos sobre *slam* e poesia podem ser transmitidos como assunto extracurricular, ou integrados às disciplinas tradicionais como História, Português ou Arte. A integração do tema ao conteúdo programático transmitido ao aluno fica à cargo de cada diretor ou professor. "O objetivo básico do projeto é estimular o senso crítico dos envolvidos, o incentivo à leitura, à escrita e à reflexão dos textos. Em 2021, o *Slam Interescolar SP* foi agraciado com o Prêmio Jabuti, na categoria Inovação, Fomento à Leitura", declarou Uilian "Chapéu".

## Um microfone aberto para as minorias

Se formos observar todos os vieses educativos, artísticos, culturais e esportivos dos *slams de poesia*, também podemos perceber que ele tem uma função social. Obviamente, que esse não é o único aspecto das batalhas, mas precisa ser considerado. Quando o *slam* chegou ao Brasil, poetas e estudiosos afirmam que ele ganhou uma espécie de "molho" verde e amarelo, e os traços dessas nuances, tipicamente brasileiras, são a cadência forte das declamações, um "fervo" diferenciado, bem como o foco em temas que emergem das ruas.

"No Brasil tem um negócio, um fervo. A gente é o país do futebol, então tem uma febre da torcida. Isso tem no mundo inteiro, mas o *slam* aqui ficou centrado cada vez mais na periferia, foi tendo cada vez mais



a participação das mulheres, de negros e de jovens. A juventude negra periférica encontrou um espaço para falar e existir de uma maneira com reconhecimento, com sua voz sendo ouvida”, salientou Roberta Estrela D’Alva, durante entrevista concedida ao SescTV, em São Paulo.

Ao **Correio das Artes**, ela declarou que não só os cidadãos mais abastados, mas todo mundo pode ouvir, se emocionar e escrever poesia. Para ela, quando os *slammers* expõem sua fala, trazem nessa manifestação oral os anseios da comunidade ao qual pertencem. “Sinto que, no *slam*, os poetas e as poetas têm essa função social, de conseguir enxergar os anseios, as paixões, os divertimentos, as alegrias e tristezas da comunidade, de elaborar isso esteticamente e devolver. Então, sim, é um espaço de escuta, de troca e de educação não convencional”.

Já a pesquisadora e professora potiguar Itamara Patrícia de Souza Almeida frisou que o *slam de poesia* é uma expressão artística como qualquer outra, e funciona como um mecanismo capaz de expor o óbvio, “que as pessoas e os lugares subalternizados também produzem arte, literatura e cultura”. “Mas, no Brasil, os *slams* tomaram essa dimensão da democratização da poesia, da literatura que não deixa de corresponder a essa ideia de dar voz às ‘minorias’, especialmente, num país em que o campo literário legitimado é, hegemonicamente, composto por homens, brancos, heterossexuais e de classe média.”

A *slammer* Cris Assunção afirmou que, quando o *Slam da Guilhermina* foi criado, em 2012, e levou a competição para a rua, provou que é possível realizar o evento somente com a voz, sem nenhum instrumento, em espaços públicos como terminais de ônibus e praças. “Aí veio essa explosão de *slams*. E àquelas vozes que já recitavam nos saraus da periferia, há pelo menos uns 20 anos, começaram a falar.”

De acordo com ela, a *Guilhermina* tem esse nome porque é realizado numa praça situada ao lado da Estação de Metrô Guilhermina Esperança, na Zona Leste de São Paulo. Para Cris, o movimento agrega vários aspectos que vão além do cultural e educacional. “O *slam* é importante como ferramenta política, como formação de lideranças, como manutenção da cultura oral e também como fomento à leitura.”

## Na Paraíba, movimento segue se fortalecendo

O movimento do *slam* na Paraíba ainda não está tão em evidência como em São Paulo, Rio de Janeiro ou estados nordestinos, a exemplo, de Pernambuco e Bahia. Como disse Roberta Estrela D’Alva, o evento na Paraíba está “começando, mas se fortalecendo”. Uma das produtoras de *slam* paraibano, Iasmim Lucena Guedes, 22 anos, conhece a realidade das batalhas de poesia no estado. Ela mora em João Pessoa e, há cinco anos, teve o primeiro contato com esse universo, e nunca mais se afastou dele.

“Foi por causa do *Slam Subversivas* que tive a chance de poder participar da organização de *slam*. Essa é uma função bem divertida. Gosto do que faço, ainda mais junto das meninas - Júlia, Fernandez, Isadora e Cris Luz. A gente decide tudo em conjunto: o local onde vai ocorrer o evento, a quantidade de poetas, se vai ter premiação, quem será a *slammer* e também fazemos a divulgação”, afirmou.

Entre os destaques no cenário paraibano, ela citou Kallu, Isadroga e Psicopreta. Segundo Iasmim, o perfil dos participantes das batalhas no estado não difere muito do contexto do Sudeste ou de outras regiões do país. “São jovens, geralmente na faixa etária entre 18 e 30 anos, com escolaridade que vai do Ensino Médio completo até a graduação em alguma universidade. Quanto à condição econômica, diria que é de classe social baixa, tanto a galera da organização, quanto os poetas.”

Apesar de ver essa arte como um espaço aberto para diversas vozes, ela relatou que o cenário paraibano ainda é o da “invisibilidade”. As dificuldades também são várias. O *Subversivas* já existe há cinco anos, mas, segundo Iasmim, algumas vezes não consegue atrair um número suficiente de público para as batalhas, pela baixa adesão de poetas que ficam limitados por causa da condição financeira. Muitos deixam de comparecer ao evento por falta de recursos para pagar o transporte público, ou mesmo devido a outros compromissos.

A *slammer* Isadora Palhano também integra a organização do *Subversivas*. Ela concorda que a baixa participação dos poetas fragiliza o movimento no estado. “Teve um tempo em que a gente ia para um *slam* e tinha um ou dois poetas. Essa fragilidade acaba desestimulando a gente. Mas, ainda bem que estamos nos fortalecendo, tivemos seletivas para o estadual e foi bem legal”, admitiu.

## Competições pelo mundo

O universo do *slam* está inserido em um circuito competitivo realizado em nível estadual, nacional e internacional. Das seletivas de cada estado são tirados os melhores poetas que vão participar da etapa nacional, ou seja, o Campeonato Brasileiro de Poesia Falada – o *Slam BR*, considerado o mais importante do país. Há, porém, outras organizações, como a Flup, que realizam batalhas com *slammers* de vários estados brasileiros, oferecendo aos participantes oportunidades de adquirirem mais experiências e se fortalecendo dentro do movimento.

O *Slam BR* é realizado tradicionalmente em São Paulo e reúne os vencedores de cada estado. O campeão dessa competição vai representar o Brasil na *Copa do Mundo de Slam*, que é realizada, anualmente, na França.

No ano passado, o *Slam BR* aconteceu, excepcionalmente, no Rio de Janeiro, em parceria com a Flup. A representante da Paraíba nessa competição foi Isadora Palhano ou Isadroga, mas ela que não conquistou o título nacional. O campeão brasileiro de 2022 foi o poeta Cotta, de São Gonçalo, região Metropolitana do Rio.

Esse ano, a final do Slam Estadual da Paraíba ocorreu no dia 30 deste mês (setembro), no Cine Teatro São José, em Campina Grande, e reuniu 13 finalistas de João Pessoa, Campina Grande e Cajazeiras. Confira quem foram os participantes: Kalu, Isadroga, Cris Luz, Calma, Psicopetra, e Vulto (de João Pessoa); Babina, Julian, Dant, Dida, Zero e Lose (de Campina Grande); e Miguel, de Cajazeiras.

## Uma atitude de resistência

Priscila Santos Canuto, 40 anos, é doutora em Educação e professora de Educação Física. Em 2019, ela estava caminhando nas proximidades da Praça da Paz, no bairro pessoense dos Bancários, e se deparou com uma batalha de poesia falada, algo que era completamente desconhecido para ela. Na época, a professora estava iniciando o doutorado e se encantou tanto com o evento que decidiu mudar o tema de sua tese, dando, assim, os primeiros passos rumo ao trabalho concluído este ano, intitulado *Juventudes na Batalha: Experiências Educativas do/na Slam da Paz*.

A partir da mudança do tema do projeto de doutorado, Priscila passou a se familiarizar com o mundo do *slam*, sobretudo o *Da Paz*. “Eu estava passando com um colega da turma do doutorado e fui capturada por todo o envolvimento das jovens, dos jovens, pela poesia que estava sendo feita ali e todo movimento cultural que estava acontecendo. Aquilo me encantou, a ponto de eu mudar minha temática da tese”, ressaltou.

Ao passo que estudava o *Slam da Paz*, Priscila também conheceu os desafios que os poetas e *slammasters* enfrentavam. Apesar do pouco recurso não ser impedimento para o grupo expressar sua arte, os jovens poetas enfrentavam barreiras bem mais complexas do que o financeiro - o preconceito. Segundo Canuto, muitas vezes os *slammers* eram convidados a sair da praça.

“Eles eram malvistas por pessoas que se dizem chamar integrantes da sociedade. Quer dizer, eles estavam promovendo cultura e educação por meio da poesia, mas incomodavam as pessoas que circulavam no lugar. Essa potência de resistência, de se manterem ali, produzindo cultura, foi o que me atraiu”, salientou a professora.

Com a chegada da pandemia em 2020, a pesquisa de Priscila não pôde mais ser realizada presencialmente, e ela migrou para as telas, assim como muitas batalhas de poesia falada também foram parar no mundo digital, uma forma de manter viva a arte durante o ápice do ataque da Covid-19.

Ela declarou que o impacto da pandemia enfraqueceu o movimento na Paraíba, e o processo de retomada ainda está sendo construído no estado. “O *slam* na Paraíba ainda não é tão forte como

no Sudeste. Ele está mais concentrado na capital do Estado, e ainda precisa de muito incentivo e adesão. Mas, vem crescendo e se fortalecendo”, destacou Canuto.

FOTO: ARQUIVO PESSOAL



A partir do contato com jovens na Praça da Paz, em João Pessoa, a professora Priscila Canuto transformou o ‘slam’ em sua tese de doutorado

## Slam é elemento de pesquisa nas academias

Os aspectos que envolvem o *slam* de poesia – a criação dos versos, a expressão corporal da performance, a abordagem de temas sociais e todos os aspectos ligados ao movimento, suscitaram o interesse dos estudantes que estão concluindo cursos, sejam técnicos, de graduação ou pós-graduação. Isso pôde ser percebido no perfil de algumas entrevistadas dessa reportagem, como Isadora Palhano, Priscila Canuto e Itamar Almeida. Porém, um exemplo que

está na fase bem inicial é o da mestranda em Letras, Pâmela Lopes, de 25 anos. Ela é natural do estado de São Paulo, mas atualmente mora no Ceará.

Pâmela é *slammer* e, acima de tudo, uma grande “apreciadora” do movimento. Já participou de algumas batalhas, inclusive, na Paraíba. O trabalho de pós-graduação que desenvolve atualmente tem como foco o *slam de poesia*.

Para ela, o evento é um importante instrumento de educação e cultura. “Acho o *Slam Poesia* um movimento que oportuniza muito aprendizado sobre a vida, e como podemos vivenciá-la de uma forma melhor. Foi esta admiração que me fez desejar ter mais contato com o *slam*, seja pesquisando para aprender mais sobre o assunto, e propor o *slam* nas escolas, seja produzindo como *slammer*”.

Ela é autora do artigo *Resistência em voz e verso: o slam como meio de afirmação e luta antirracista*. O trabalho contou com a parceria do *slammer* e professor de História, Roberto Ferreira, e foi apresentado em 2019 no *X Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra*, “nossos passos vêm de longe”: trajetórias, lutas e resistências negras, realizado no Ceará.

De acordo com a mestranda, nesse trabalho, ela chegou a conclusão do quão benéfico é o tema na sala de aula, como ensinamento para as novas gerações. “O *slam* de poesia é benéfico na sala de aula devido à gama de habilidades que desperta no estudante como: reflexão, criatividade, argumentação, conhecimentos culturais, sociais e políticos”, frisou.

Quanto ao projeto de mestrado, que está em curso, ela afirmou: “Ainda estou começando, mas vem aí um trabalho muito lindo! Não tenho dúvidas, porque falar de *slam*, por si só, é muito especial.”

**Alexsandra Tavares** é jornalista, repórter do Jornal A União e do Correio das Artes. Vive e trabalha em João Pessoa (PB).





# A reinvenção do Nordeste

O Nordeste nunca esteve tão na moda. *Cangaço Novo*, nova série da Amazon Prime rodada por aqui, com 90% do elenco nordestino, é só o fenômeno mais recente de um empoderamento cultural que não foi construído do dia pra noite, e que figuras tão distintas quanto Juliette ou Kleber Mendonça Filho, cada um em seu quadrado, estão conseguindo sintetizar e difundir mais amplamente no panorama da arte e da indústria do entretenimento.

Seguindo o precedente positivo de produções como *Mar do Sertão* ou *Travessia*, sem perder tempo com o interesse suscitado em torno do tema, a Rede Globo acabou de anunciar sua próxima novela original na plataforma Globoplay: *Guerreiras do Sol*, do pernambucano George Moura e do carioca Sérgio Goldenberg. A novela pretende abordar o cangaço sob o olhar feminino, assunto também da ótima série de quadrinhos *A Carniça e a Blindagem Mística*, do artista paraibano Shiko (sobre a qual ainda devo escrever em breve).

Em entrevista à Folha, Moura destacou a “força invisibilizada da mulher nordestina” e a perspectiva feminina trazida à equipe por um grupo de roteiristas mulheres formado por Cláudia Tejes, Mariana Mesquita, Ana Flávia Marques e Dione Carlos. Como destaca a reportagem, o time contempla “cores e origens diferentes, de Porto Alegre a Recife”.

Não escapa a Moura, óbvio, o fato de ele e Goldenberg serem homens: “O viés da compreensão é diferente, embora eu continue a acreditar, como no tempo de outrora



FOTO: DIVULGAÇÃO/PRIME VÍDEO

Cena de ‘Cangaço Novo’, série rodada na Paraíba que se tornou um fenômeno no streaming

e para os tempos de amanhã, que o artista pode falar sobre tudo (...). O *lugar de fala* não pode se transfigurar num *lugar de cala*” (destaques meus).

Como artista nordestino, que cresceu semeando essa identidade num território tão bem cultivado, hoje, por nomes que admiro como Suzy Lopes ou Thardelly Lima, Zezita Matos ou Marcélia Cartaxo, eu não poderia deixar de torcer por um Nordeste que não precisa de “aula de prosódia” ou de vocabulário, para falar em novela ou escrever sobre o Nordeste. E é nesse contexto que a questão do “lugar de fala” e do “lugar de cala” sempre me pegou, para além da questão feminina da qual não posso falar com tanta propriedade.

Mais que aplaudir o Nordeste, agora no centro do palco, minha luta e minha torcida como escritor nordestino, hoje, têm sido por que nos consolidemos como artistas num espaço de cultura para além do gosto sudestino. Porque essa de o “lugar de fala” não virar “lugar de cala”, às vezes — como provavelmente é o caso — pode ter a melhor das intenções, mas eventualmente é usado para calar a boca de um monte de gente.

Tem me cansado um pouco ser considerado “vaca improdu-

tiva” numa parte do Brasil em que os próprios brasileiros (e não se enganem: também os próprios nordestinos) só acham que dá leite quando se prova quentinho e espumando, tirando de vacas eleitas, num curral eleito e demarcado, dentro de um único nordeste por mãos que nem sempre são as nossas.

Não estou querendo botar azedo no angu, mas onda que cresce é também onda que quebra, e geralmente nas costas de quem costumava quebrar. Temos que lutar também por um espaço de cultura minimamente autóctone e sustentável, que supere estereótipos e vícios narrativos já arraigados. Que até aqui só vinha se reconhecendo num Nordeste de uma única história, contada por outras pessoas para capitalizar uma pauta identitária meio distorcida. Que só olhava para sua cidade quando a via em capa de revista do Sudeste, imediatamente batendo aquela tentação de alargar a orla, pra fazer caber mais gente de fora “porque é quem dá dinheiro”.

Somos maiores que isso. E felizmente estamos provando.

Tiago Germano, é autor do romance “O que pesa no Norte” (Moinhos, 2023) e foi indicado ao Jabuti pelas crônicas de “Demônios domésticos” (Le Chien, 2017). É professor de escrita criativa e cofundador da editora independente Matria. Mora em João Pessoa (PB)

# Acordar para Proust?

**Clemente Rosas**

Especial para o *Correio das Artes*

Para o meu amigo Paulo Gustavo, brilhante membro da Academia Pernambucana de Letras, lamentando não me incorporar ao grupo de admiradores incondicionais do escritor francês, arvorado por ele em seu belo e propedêutico livro, cujo título tomei por empréstimo. E quanto ao livrinho, só me cabe recordar a lição de Terenciano Mauro: habent sua fata libelli.

Em meu livro *Sonata de Outono* (Ed. Sal e Terra, J. Pessoa, 2022), rotulei um capítulo como “Ensaio Irreverentes”. Nele, atrevi-me a criticar – respeitosa, é claro – monstros sagrados da nossa literatura, como Ariano Suassuna, Clarice Lispector e Guimarães Rosa. Mas minha tarefa agora é ainda mais temerária: relativizar louvores e questionar algumas virtudes de autor muito mais famoso, na verdade tão universalmente enaltecido quanto pouco lido, como suponho.

Cabe-me declarar, de saída, o que talvez seja uma limitação em meu mister: não consigo dissociar a obra do autor, nem tampouco do contexto social em que foi escrita. Além do que assumo plenamente a postulação de Ortega y Gasset: a clareza é a cortesia do pensador. Todos devemos escrever para sermos bem lidos e compreendidos. E não apenas por um grupo de privilegiados hermeneutas.

Mais uma ressalva: só escrevo quando sinto que tenho algum recado importante a dar. E vejo com reserva aqueles que proclamam não poder viver sem escrever, abstraindo a circunstância de serem lidos ou não. Vejo isso como charme de escritor pretensioso. E recordo aqui a afirmação do mestre Ariano, para quem a classe dos escritores é das mais vaidosas que se conhece. Não vivo, portanto, acometido da “*scribendi sacra fames*” de que fala Eça de Queiroz, em um dos seus ensaios de crítica literária.

Assim, espicaçado pelo livro de Paulo Gustavo, que tentou, sem sucesso, ler Proust aos 20



FOTO: REPRODUÇÃO/WIKIPEDIA

Escritor francês, Marcel Proust publicou 'Em Busca do Tempo Perdido', série de oito livros que é considerada um romance autobiográfico

anos, e só o conseguiu aos 50, resolvi, já octogenário, encarar a esfinge, sem medo de ser devorado. Meus poucos leitores deverão levar em conta minhas razões, e sobretudo minha honestidade de propósitos.

Li três livros de Proust, da série *Em Busca do Tempo Perdido*, que muitos consideram um romance único, em oito volumes: *No Caminho de Swann*, *À Sombra das Moças em Flor* e *Sodome et Gomorrhe*, este último no original francês. Pelo esforço que exige a leitura de obra tão caudalosa (diria também enxundiosa, pelas numerosas reflexões e divagações que a permeiam), julguei que a amostra já estava de bom tamanho para meu juízo crítico, e pus termo ao empenho de garimpar as belezas e as verdades tão proclamadas pelos proustianos.

No livro *No Caminho de Swann*, meu embaraço começou com o título do ori-



ginal: *Du Côté de Chez Swann*. Ora, a preposição “chez” significa “na casa de”, ou “na obra de”, ou ainda “entre”. Em relação a “côté” não cabe dúvida, quer dizer “lado”. Por que, então, “No Caminho de Swann”? A tradução literal seria “Do lado da casa de Swann”, o que, no entanto, não me parece adequado. Deixo a questão em aberto. E quanto ao texto, me ficou apenas a imagem de um garoto enfermiço e manhoso, que não conseguia dormir sem o beijo de boa-noite da mãe, ao lado da crônica do namoro interminável, escrutado em numerosas páginas, do senhor Charles Swann com a “cocote” Odette, cheio de incertezas, vacilações, desencontros, sem motivações mais claras. Anos depois disso, o namoro, igualmente vacilante e inseguro, do narrador, então já adolescente, com a filha do casal, Gilberte.

Em *À Sombra das Moças em Flor*, temos a temporada do narrador em uma estação balneária, Balbec, na companhia da avó, e seu encontro com um grupo alegre e desinibido de moças esportivas. A atitude do nosso herói, mais uma vez, surpreende: parece mais preocupado com a avó, e demonstra um interesse difuso para com as moças. Namora uma delas, Albertine, mas se envolve também com outra, Andrée. E a relação com Albertine é curiosa: ele a convoca a qualquer hora do dia ou da noite para ir vê-lo e lhe fazer companhia no hotel, ou nas recepções dos grã-finos. E ela comparece, embora sem carinho explícito, como se fosse uma profissional do sexo.

Enfim, confesso que escolhi *Sodome et Gomorrhe* como terceira amostra da obra proustiana, pela fama dessas cidades bíblicas, e seu histórico de pecados. Esperava encontrar uma boa dose de erotismo. Mas que nada! O tema é tratado de forma extremamente discreta e cerimoniosa. A questão do homossexualismo é abordada com simpatia e compassividade, mas nos conceitos de “inversões” ou “vícios”, longe, portanto, da atual compreensão de tais casos.

O Barão de Charlus, primeiro personagem do livro, flagrado em suposta reunião íntima com um serviçal, avança na narrativa apenas com uma busca desesperada, sempre mal sucedida, por jovens parceiros, ao ponto de anunciar um duelo fictício para conquistar um deles. E quanto a Albertine, a namorada, observada a roçar os seios com a amiga Andrée em uma dança, apesar de negar peremptoriamente a condição homosse-

xual, será sempre objeto de desconfiança e de um obsessivo ciúme, por todo o relato. Paradoxalmente, na frase final do livro, o narrador anuncia a decisão de casar-se com ela.

Falando agora do conjunto da obra – com base, evidentemente, na minha amostra – em seu aspecto formal, questiono a razão e a justificativa para os longos períodos, de meia página, recheados de orações intercaladas, as “frases centopeias”, na feliz expressão de Paulo Gustavo. Nelas, mesmo um leitor persistente, como eu me considero, pode perder o sentido de composição do enunciado. E a quase ausência de parágrafos complica ainda mais a leitura. Quando a interrompemos, para o inevitável descanso, temos dificuldade em encontrar o ponto certo da retomada. Sofri com isso, vencendo meia dúzia de páginas de cada vez, sobretudo na versão original, de leitura obviamente mais trabalhosa.

Seria a *Busca*, em seus oito volumes, um único romance? Fico com Antônio Cândido, que a considera uma autobiografia, um extenso diário. Digamos, conciliatoriamente, um romance autobiográfico. Aliás, os bons romances têm sempre componentes autobiográficos, pois só se fala bem do que se viveu. A narração na primeira pessoa, as reflexões e a própria vida do autor, até onde se conhece, contribuem para esse entendimento. Mas, reconhecamos, a definição de uma categoria literária não tem relevância para o juízo de mérito do trabalho.

Meu foco se dirige, portanto, para a dimensão social, humana (para ser mais abrangente), da obra. Observo que o escritor, na análise de seus personagens, dedica-se apenas às classes sociais do patriciado: novos ricos burgueses e aristocratas decadentes, ambos, apesar de tudo, ociosos e endinheirados. A única personagem fora desse ambiente é a empregada doméstica Françoise, de presença bem discreta no texto. Sobre os dois primeiros, Proust é implacável: com ironia ou compaixão, dissecam-lhes as hipocrisias, as vaidades, o convencionalismo, as prevenções, o elitismo, as ideias preconcebidas. Mas aí esgota-se o seu universo. E o mundo me parece

bem mais abrangente.

Ouso compará-lo com o microcosmo de Kazantzakis, em seu *Cristo Recrucificado*. Ao descrever a vida de uma aldeia grega sob domínio turco (seguindo a receita de Tolstói), ele trata de todos os dramas e problemas da humanidade: ambição, desprendimento, misticismo, idealismo, crueldade, covardia, bravura, amor e ódio. Foi o que não encontrei em Proust, com todo o respeito pelas suas opções.

Interessante é observar que, tendo vivido no período da Terceira República francesa, convivesse o autor quase exclusivamente com nobres: barões, viscondes, condes, marquesas, duquesas, princesas. (Não imaginava que tivessem sobrevivido a tantas convulsões políticas, entre elas o doloroso trauma da Emigração). Mesmo sendo ele de origem judaica, e sem título nobiliárquico. Os salões frequentados, tanto do segmento social dos burgueses (Mme. Verdurin) quanto da nobreza (Duquesa de Guermantes), eram seletivos, abrindo espaço apenas para alguns artistas, em busca de prestígio.

Tomo, como exemplo do que ousaria chamar de “alienação” desse pequeno núcleo de grã-finos que compõem o universo proustiano, o famoso caso Dreyfus. É o único que tangencia o dito universo, expondo uma divisão entre “dreyfusards”, aquelas pessoas de origem judaica (acusadas preconceituosamente de estarem ao lado de Dreyfus apenas por esta condição), e as demais “socialites”, cegas à absurda injustiça cometida contra o bravo oficial, desonrado e só reabilitado vários anos depois, pela vitoriosa campanha de Émile Zola, com o seu “*J'accuse*”). E com isto, ao menos na amostra que escolhi, extingue-se a tênue inserção do pequeno mundo proustiano no vasto mundo da sociedade europeia.

E aqui encerro também minha experiência com ele. Terei sido justo? Coerente? Não me cabe o juízo em causa própria. Aspiro apenas ao reconhecimento de minha sinceridade de intenções e do meu destemor intelectual. E, quem sabe, não terei estimulado algum potencial leitor a conferir minhas assertivas, lendo Proust?

**Clemente Rosas Ribeiro** integrou o grupo de poetas conhecido como “Geração 59”. Publicou ‘Praia do Flamengo, 132’, ‘Coco de roda’, ‘Administração & Planejamento’, ‘Lira dos Anos Dourados’ e ‘Sonata de Outono’. Mora em Praia Formosa, Cabedelo (PB).



Dirk Bogarde como Gustav von Aschenbach em 'Morte em Veneza': tanto no livro, como no filme, paixão por adolescente não é apresentada em viés erótico/homossexual

# Conversando sobre filmes

**Francisco Gil Messias**  
Especial para o *Correio das Artes*

Outro dia vi-me diante da instigante pergunta sobre qual era o filme de minha vida, qual aquele que egeria como o melhor dentre todos a que assistira. A indagação investiu-se de um certo peso já que fora feita na presença de duas reconhecidas “autoridades” no assunto: Mirabeau Dias e João Batista de Brito. A resposta não me veio logo pela simples razão de que, pensando bem, não existe, para mim, “o filme de minha vida”. Ou seja: não tenho apenas um filme preferido, destacado de todos os demais, mas alguns filmes queridos, aos quais retorno vez em quando com prazer, de modo que demorei um pouco a responder, esperando lembrar-me de pelo menos um que me tenha causado especial impressão, sem constituir-se necessariamente no “filme de minha vida”. E foi quando me surgiu à lembrança, incontrastavelmente, *Morte em Veneza*, o filme dirigido por Luchino Visconti, de 1971.

O filme, como se sabe, é uma adaptação da novela homônima do alemão Thomas Mann, publicada em 1912. O protagonista de ambos, filme e novela, chama-se Gustav von Aschenbach, sendo que no livro ele é um escritor e no filme, um compositor erudito, provavelmente numa alusão de Visconti a Gustav Mahler, cuja bela e tocante música atravessa, de forma perfeita, a película.

A propósito, sobre Mahler, há quem diga que foi ele a inspiração do próprio Thomas Mann, que o admirava e cuja morte em 1911 muito teria sensibilizado o escritor. Coincidentemente

ou não, o protagonista da novela e o falecido compositor austríaco têm o mesmo prenome, Gustav. E aí talvez esteja a razão do vínculo Visconti/Mahler. Na arte as coisas raramente acontecem por acaso.

Não há como resumir a trama do filme sem fazer *spoiler*. Perdoe, portanto, o leitor, se for o caso, e vamos lá. O filme se passa em Veneza de começos do século passado ou fins do século 19, numa atmosfera mais para melancólica que alegre, o que se acentua tanto com a decadência física inerente à velha cidade quanto com a sorumbática trilha sonora.

Para completar, surgem os primeiros indícios de uma peste de cólera que começará a abater as primeiras vítimas e, em consequência, a afugentar os turistas, tornando, aos poucos, a cidade, seus hotéis, praças e ruas, quase deserta e desoladora. No entanto, Gustav von Aschenbach vai para lá (pouco antes de a peste aparecer) em busca de cura para sua melancolia e seu cansaço, por mais inadequado que



o lugar possa parecer à primeira vista (no caso, a sempre alegre Paris seria, sem dúvida, mais indicada).

Posteriormente, o espectador compreenderá que nenhum outro lugar consegue conciliar simultaneamente as noções de beleza e morte – fundamentais no filme (e no livro) – como Veneza (sempre linda e decrépita), confirmando que em arte tudo tem o seu porquê.

Aschenbach está, digamos, na meia idade, a despeito de a melancolia fazê-lo aparentar ser mais velho. É assim que chega à cidade, pouco atraente e pouco animado. Não está procurando romances nem aventuras – apenas sossego, um merecido descanso que lhe restaure as forças, não só as físicas, mas também as da criatividade artística. Mas eis que se depara, no restaurante do hotel, com um adolescente polonês de rara e andrógina beleza, Tadzio, também hóspede, juntamente com sua aristocrática família – e se apaixona, de forma fulminante e fatal.

Tanto no livro, como no filme, essa paixão em nenhum momento é apresentada em seu viés cruamente erótico/homossexual. Pelo contrário. Aschenbach parece sempre mais esteticamente impressionado com a beleza incomum do adolescente que com qualquer outro atributo seu. Por isso, talvez o compositor queira – ou se contente em – apenas contemplá-lo, sem necessidade de tocá-lo propriamente. Puro platonismo, em que Tadzio é mais uma ideia que um corpo desejável. Esclarecimento: de fato, nada acontece entre os dois, além do olhar admirativo de Aschenbach e os eventuais e furtivos olhares de Tadzio, talvez mais curiosos e surpresos que interessados naquele estranho senhor extasiado e, por que não dizê-lo, até mesmo um pouco (ou muito) ridículo em sua “perseguição” visual (não esqueçamos que o sóbrio Aschenbach, na tentativa de se tornar mais atraente e jovem para Tadzio, pinta de negro os cabelos e maquia o rosto, acintosa e embaraçosamente. Mas o que não se faz numa paixão?).

A peste então se espalha por Veneza cada vez mais, até que atinge o compositor, ceifando-o, como a tantos mais. Tadzio, ao que tudo indica, vai embora com a família a tempo de salvar-se, em direção ao futuro que o aguarda. Contrariamente a Aschenbach, que, de modo claro e desde o iní-



Cena do filme 'Morte em Veneza', dirigido por Luchino Visconti e lançado nos cinemas em 1971

cio, não tinha mais nenhum porvir a esperá-lo.

É possível que atualmente Aschenbach seja visto por muitos simplesmente como um pedófilo, mas é claro que essa é uma visão rasteira e pobre, muito pobre, de uma personagem tão complexa - e refinada -, cujo eventual homossexualismo nem se pode afirmar de forma peremptória, posto que platônico, apesar de, por coincidência ou não, Thomas Mann e Visconti serem tidos, aberta ou discretamente, como adeptos de tal orientação sexual.

Vi esse filme muito jovem, provavelmente num dia sombreado por alguma melancolia juvenil, possível explicação para a forte impressão que me causou. Foi no cinema Municipal, se não me engano, numa quinta-feira de “filme de arte”. Lembro que saí para a rua um pouco desnortado, sinal de que o que vira me tocara. E não era para menos, pois a trama, a fotografia, a música e a interpretação dos atores eram (e são) extraordinariamente comoventes.

Na época, certamente não compreendi o filme, da mesma forma que não compreendi a novela e muitas outras coisas que vi e li então. E como poderia, pergunto, com tão pouca experiência e tão pouco saber? Mas havia a intuição, é óbvio, e esta sempre nos ensina algo mínimo, que seja. Só muitos anos depois, em plena maturidade, foi que Mario Vargas Llosa, num texto claro como água de fonte,

explicou-me que aquela súbita, inesperada e mortal paixão do ascético e convencional Aschenbach nada mais era que o “chamado do abismo”, esse apelo irresistível para a transgressão destruidora que às vezes pode tomar conta, avassaladoramente, da vida de qualquer pessoa, por mais sensata e bem comportada que tenha sido até então.

Concluí, finalmente, com essa ajuda inestimável do romancista peruano, que, de fato, há um Aschenbach adormecido no âmago de cada um de nós, com todas as suas múltiplas e sombrias implicações. O abismo está sempre logo ali, a um passo, um mero passo fatal de qualquer um. Justificava-se e justificava-se, portanto, a grandeza do livro e do filme que tanto impressionaram o jovem e continuam a impressionar o homem. Realmente, Veneza pode ser – e é – aqui – e em todo lugar. Que os céus nos protejam.

**Francisco Gil Messias** é bacharel em Direito pela UFPB, mestre em Direito do Estado pela UFSC e foi procurador federal junto à UFPB. É autor de livros como ‘O Redator de Obituários: Crônicas Artigos e Talvez Ensaios’, sua obra mais recente. Mora em João Pessoa (PB)



Analice Pereira

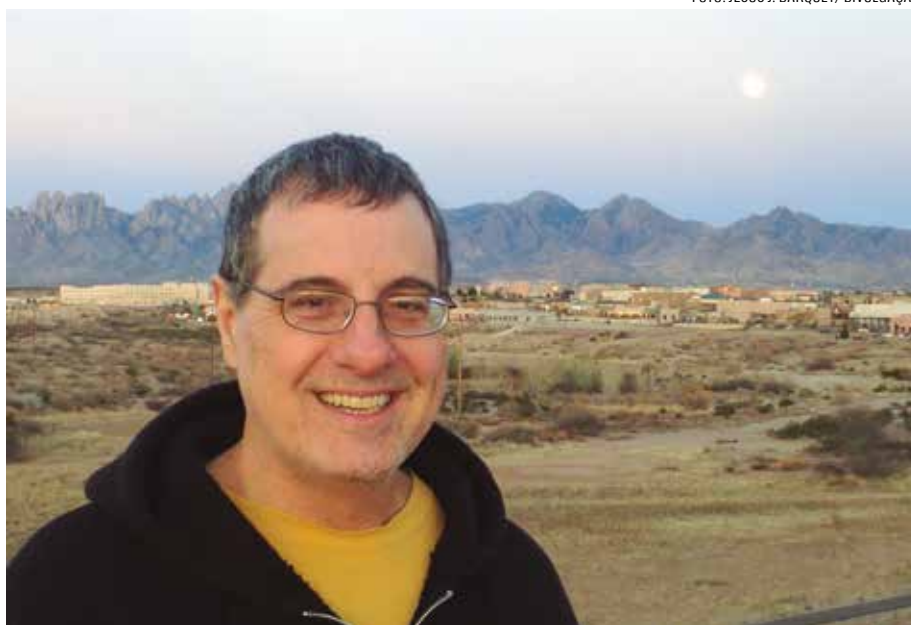
marianalice@hotmail.com



clarisser

## A trajetória de um poeta e editor cubano exilado nos EUA

FOTO: JESÚS J. BARQUET/DIVULGAÇÃO



Jesús J. Barquet: poeta nascido em Cuba, conhecedor profundo da arte, cultura história e Literatura do seu país, está exilado nos EUA há mais de 40 anos, mas se mantém vinculado, pela literatura e pelo seu trabalho de editor, a seus compatriotas

Jesús J. Barquet é poeta, professor, crítico, ensaísta, tradutor, editor. Nascido em Havana em 1953, atualmente é professor emérito de literaturas hispânicas na Universidade Estadual de Novo México, Estados Unidos, onde reside desde 1980, ano em que deixou Cuba pelo Porto de Mariel, um grande êxodo que marcou e definiu as vidas de milhares de cubanos e cubanas.

Muitas foram as razões que levaram aquelas pessoas a deixar sua terra natal, mas o que se sabe é que muitas de suas motivações estavam relacionadas, direta ou indiretamente, a alguma insatisfação com as políticas estabelecidas no país no período pós-revolução, e que oprimiam determinados segmentos da sociedade, como a arte e a cultura.

*De Cómo Sobreviví al Socialismo Real - Ser Joven en la Cuba de los Años 60 y 70*, publicado no site otroLunes (Revista Hispanoamericana de Cultura) em novembro de 2020, é um testemunho de Jesús J. Barquet, que traz questões fundamentais para quem deseja conhecer melhor algumas condicionantes da produção artística e cultural cubana do referido período, pois sinaliza para os significados dessas condicionantes na vida e na obra de um poeta e editor de livros de literatura. Nas palavras dele, "Para descrever meu itinerário como poeta, decidi limitar-me aos dois caminhos que têm guiado a minha travessia. Cronologicamente falando, o primeiro foi sobreviver em Cuba dos anos 60 e 70 como cidadão e incipiente intelectual sem vocação a mártir que, em meio a frequentes arbitrariedades, buscava levar a cabo suas escolhas afetivas, profissionais e criativas, na contracorrente, em vários aspectos, dos incontestáveis regulamentos oficiais. O segundo tem sido salvaguardar em

*meu interior, diante de todo antagonismo de então e mais tarde, a imaginação e a criação poética".*

No afã de compartilhar um pouco mais dessa história com o leitor e a leitora do **Correio das Artes**, propus a Barquet a realização de uma entrevista por meios digitais (e-mail, especialmente) no intuito de esmiuçar algumas ideias anunciadas no testemunho. Ideias de um poeta que é cidadão nascido em Cuba, conhecedor profundo da arte, da cultura, da história, da literatura do seu país, exilado nos EUA há mais de quatro décadas, e estreitamente vinculado, pela literatura e pelo seu trabalho de editor, a seus e suas compatriotas, residentes ou não em Cuba.

As perguntas que lhe fiz, para esta

primeira parte da entrevista, referem-se, predominantemente, ao seu trabalho de editor, mas sem deixar de mencionar a sua própria produção poética, que apresenta, como mais recente projeto, o livro *A Fundo na Espessura (Miscelânea do Desejo, 1971-2003)* / *Adentro en la Espesura (Miscelânea del Deseo, 1971-2003)*, uma compilação bilingue (seu primeiro livro em português) que se encontra em pré-venda pelo site da editora brasileira O Sexo da Palavra ([www.osexodapalavra.com](http://www.osexodapalavra.com))

Na próxima coluna Clarisser, falaremos mais especificamente sobre esse novo livro. Por enquanto, fiquemos com algumas reflexões de Barquet sobre sua trajetória de vida e seu trabalho de editor.



■ **Jesús, além de poeta e professor universitário, você é editor e, nessa função, tem se dedicado a publicar textos de escritores e escritoras cubanos de dentro e de fora de Cuba. Pelo seu testemunho publicado no site otroLunes, é possível deduzir sobre o que o motivou a desenvolver esse trabalho de editor. Mas gostaria de ultrapassar a simples questão da dedução e “ouvir” de você um pouco sobre essas motivações e sobre o que você deseja alcançar.**

Junto com a poetisa Carlota Caulfield, fundei as Ediciones La Mirada, no mesmo ano (2014) em que me aposentei como professor universitário da New Mexico State University. Começava a ter mais tempo livre para me dedicar a esse trabalho, que já conhecia de forma parcial pelos livros que havia preparado para outras editoras. Então queria me envolver mais diretamente na criação do livro impresso e, felizmente, já existiam diversas plataformas digitais que facilitavam o processo de diagramação, design, divulgação e até venda internacional do livro. Estas foram as circunstâncias externas que permitiram o aparecimento de La Mirada. Houve, obviamente, circunstâncias internas ou íntimas que são muito mais importantes. Entre elas, a maravilhosa experiência de poder acompanhar os poemas desde sua existência privada na página em branco ou na tela do computador do autor, até sua consumação material e pública no livro impresso. Além disso, poder dialogar, como verdadeiro editor, com o autor a respeito do manuscrito a ser publicado: sugerir, corrigir e até questionar, com o objetivo de que nada no livro seja produto de descuido ou ignorância, como era, e ainda é, o caso em muitas publicações hispânicas nos EUA. Como hispano-americano, estou interessado em expandir as publicações de poesia em espanhol nos EUA e, particularmente, no estado em que resido a maior parte do ano, Novo México, onde acredito que La Mirada seja a editora de poesia em espanhol com mais larga trajetória hoje e maior cuidado e respeito pela língua espanhola em qualquer uma de suas variantes dialetais (inclusive o *español*). Em particular, os quatro membros atuais da equipe de La Mirada (Yoandy Cabrera, Maya Piña, Carlota e eu) acreditamos na necessidade e importância do livro impresso, o que não exclui que alguns títulos de La Mirada tenham, de uma

forma secundária, uma versão digital. Até 2023, temos 16 títulos publicados, nos quais é possível constatar a presença de um núcleo de escritores e artistas que colaboram frequentemente conosco, seja como autores, compiladores, consultores, redatores de prefácios ou designers. La Mirada se interessa pela poesia hispânica e, em particular, pela poesia hispano-americana em espanhol ou em tradução para o espanhol. Como cubano, estou muito interessado na poesia dos meus compatriotas onde quer que eles residam, e neste sentido quis preencher alguns vazios que existiam na história da poesia cubana contemporânea, como fizemos, para te dar apenas dois exemplos, com *Todo Parecía (Poesía Cubana Contemporánea de Temas Gays y Lésbicos)* (2015), a primeira compilação em livro de poesia cubana de dentro e fora de Cuba sobre temas LGBTQ, e com *Imposeída* (2016), a primeira compilação em livro e em tradução espanhola da poesia de Mercedes de Acosta, que foi uma curiosa autora hispano-estadunidense com pai cubano e mãe espanhola.

■ **Como têm sido a circulação e a recepção desses livros de temas LGBTQIPA+ em Cuba?**

Para nós, foi muito gratificante ver como esses dois livros de La Mirada preencheram efetivamente um vazio tão notório e despertaram tanto interesse em Cuba que duas editoras os republicaram lá: *Todo Parecía* foi recriado com diferentes poemas e a inclusão de muito mais autores de dentro e de fora de Cuba (de uns 40, passou-se a uns 80 autores). Isto deu origem a outro livro que intitulamos *Las Piedras Clamarán (Poesía Cubana Contemporánea de Temas LGBT)*, publicado em Holguín pelas Ediciones La Luz em 2019. Por sua vez, *Imposeída* despertou dupla atenção: foi republicado pelas Ediciones Holguín, Cuba, em 2017; e em 2018 pela famosa editorial feminista espanhola Torremozas, numa bela edição bilingue à qual acrescentamos poemas e traduções. Em ambos os casos, por se tratarem de editoras profissionais e comerciais, a qualidade do design foi melhorada, e a difusão, distribuição e recepção foram ampliadas. La Mirada tem a satisfação de constatar que seus modestos livros inspiram editoras maiores a ponto de quererem reeditá-los com melhores recursos materiais. Também sabemos que não necessitamos de recursos materiais extraordinários para alcançar o que mais nos interessa: a qualidade e o cuidado do

texto em questão.

■ **O livro *Ediciones El Puente en La Habana de los Años 60: Lecturas Críticas y Libros de Poesía* (México, Ediciones Del Azar: 2011), que você assina como editor, resgata uma história muito interessante sobre a literatura cubana dos anos 1960. Por que publicar no México um livro “pensado” e criado em território estadunidense, de e sobre poesia cubana? Fale-nos um pouco dessa publicação e da importância de se resgatar as edições El Puente.**

Os livros de poemas publicados pelas Ediciones El Puente na década de 1960 em Cuba, assim como a própria existência desse grupo de autores nesses anos tão importantes da história de Cuba, ganharam enorme interesse desde os dois textos pioneiros sobre esse tema elaborados fora de Cuba nos inícios do século 21: *Dinámicas Culturales de los Años 60 en Cuba* (2007), da hispanista cubana María Isabel Alfonso, e *Os Intelectuais Cubanos e a Política Cultural da Revolução, 1961-1975* (2009), da historiadora brasileira Sílvia Cezar Miskulin. Compridos ensaios dessas duas autoras fazem parte da minha compilação. Este interesse se deve a que El Puente abrange vários aspectos inusitados na época: por um lado, conseguir atuar e publicar de forma maiormente independente durante vários anos num país onde a atividade cultural e editorial passava cada vez mais para as mãos e o controle ideológico do governo; por outro lado, ter reunido, pela primeira vez na literatura cubana, escritores de diferentes estratos sociais (inclusive aqueles com recursos escassos), de todas as composições raciais (notória presença de afro-cubanos), de ambos os gêneros e de diversas condutas sexuais e práticas religiosas já tidas como dissidentes. Além disso, a maioria desses autores tinha cerca de 20 anos, razão pela qual eram a promoção literária mais jovem quando triunfou a Revolução Cubana, em 1959. Por inúmeras razões, foi também um grupo que sofreu uma repressão oficial tão grande que, durante décadas, o simples fato de pertencer ao El Puente foi considerado uma mancha na trajetória política e literária daqueles que ficaram em Cuba (parte do grupo, incluindo seu diretor e grande animador José Mario, foi para o exílio). Muito cedo, El Puente virou um tabu: seus livros, que também incluíram conto e teatro, foram apagados da história oficial, daí que não estavam disponíveis, nunca fo-

ram republicados, não eram estudados, nem mencionados, nem conhecidos. Assim, em 2011, impôs-se já não apenas a reconstrução deste projeto literário e a análise das suas obras, mas também a republicação total dos livros, então de acesso quase impossível. Tudo isso realizou a minha compilação, com destaque exclusivo para o trabalho poético do grupo. Para a republicação dos poemas precisava da autorização dos autores: alguns ainda residiam em Cuba, outros no exílio. Por razões políticas, publicar o livro em Cuba ou nos EUA, onde moro, significava um obstáculo para alguns autores. Daí que o México resultou no que no jargão político cubano se conhece como “um terceiro país”, aceitável para todos (apenas um autor, desde o início do projeto, não quis colaborar). Las Ediciones del Azar, em Chihuahua, México, ficou encarregada de publicá-lo. Para aquele ano, Azar tinha publicado dois livros meus, portanto eu já conhecia o ótimo trabalho deles; a proximidade de Chihuahua com minha cidade, Las Cruces, facilitou também o processo.

■ **Essa questão de edição e publicação de livros em Cuba é bastante curiosa e você trata disso em seu testemunho. Lá, você fala das proibições por que passavam escritores, escritoras e artistas de um modo geral, nos anos 1960 e 70, quando triunfava a revolução socialista em Cuba. Para não ser mais um desses escritores e escritoras, e também por outras razões, você saiu da Ilha, pelo histórico êxodo do Porto de Mariel, em 1980, para viver nos EUA, onde passou a trabalhar e ter residência fixa. No exílio, você buscou viver, de forma livre e independente, vários aspectos da sua vida, incluindo suas afetividades, seu trabalho de professor e crítico e criação literária. Bom, um dos pontos altos do seu testemunho, para mim, é quando você diz o seguinte: “Enquanto lutava para sobreviver em Cuba, seguia outro rumo não menos importante e encorajador: criar para mim um mundo espiritual e imaginativo em constante expansão, e salvaguardá-lo para além de qualquer possibilidade contrária, estivesse onde estivesse. Tinha claro que não podia deixar que nenhum governo ou sistema político eliminasse ou minasse em mim o interesse pelo cinema, a pintura, a literatura e, em particular, a poesia”. Ao olhar para trás e revisitar sua trajetória, como você se sente hoje? Há alguma coisa que você considera**

**que poderia ter feito e não fez? Fale-nos um pouco sobre seus sentimentos de pertencimento e se há algum arrependimento por ter deixado a Ilha.**

O exílio estadunidense continua a ser esse espaço de liberdade onde consegui ser eu mesmo, sem medo, cautela, censura ou o perigo de ser preso injustamente e sem proteção legal. E ainda mais importante: poder fazer o que, como crítico, considero necessário para a cultura cubana, especialmente em assuntos considerados tabus pela cultura oficial da Ilha: por exemplo, desde os anos oitenta tenho procurado inserir a produção literária do exílio — durante décadas negligenciada, desconhecida ou proibida em Cuba — no corpus crítico da cultura cubana; em 1991 terminei minha extensa tese de doutorado sobre todas as revistas do Grupo Orígenes, tema pouco ou nada explorado em Cuba naquela época; logo publiquei um livro sobre o teatro de Antón Arrufat e, em particular, a sua excelente obra proibida, *Los Siete Contra Tebas* (1968); mais recentemente, os livros sobre o Grupo El Puente e a temática LGBTQ na poesia cubana. Digamos que me interessei em trazer à luz, revisar, estudar, reciclar aquelas obras que a política ou a sociedade preferiram não tornar visíveis. No exílio pude também continuar o meu trabalho como professor universitário, agora sem imposições políticas e com essa garantia financeira que me permite agora viver com dignidade da minha aposentadoria e dedicar-me a tempo inteiro à criação literária e às publicações de *La Mirada*. Ainda hoje, New Mexico State University é um grande apoio para mim em todos os sentidos, por isso todos os livros de *La Mirada* a incluem nos agradecimentos. É óbvio que poderia ampliar esta resposta com um tom diferente se te dissesse que, apesar das “conquistas” anteriores, a minha pátria, Cuba, continua a ser uma cruz que não deixarei, nem quero deixar, de carregar. Uma cruz que dói muito pela sexagenária ditadura política na qual todos (dentro e fora de Cuba) vivemos, mas o outro peso nacional — o artístico concebido como de “realza superior”, segundo Lezama Lima — é tão vasto, rico e dinâmico que desistir dele seria, para mim, empobrecer-me humanamente. Não me arrependo de ter saído de Cuba em 1980. Graças a isso pude realizar, sem obstáculos, nem perigos, meu trabalho cultural. Um possível arrependimento se deveria à pergunta do que e de quanto a mais

eu poderia ter feito dentro de Cuba se não tivesse saído; e igualmente à crença de que tais ações ali teriam sido mais úteis. Penso que muitos de nós somos visitados, por vezes, por essas reflexões que pertencem ao mundo hipotético, enquanto o que foi feito e o que está sendo feito hoje no exílio é um fato verdadeiro, verificável e em crescimento constante. Como hipóteses, ditas reflexões podem ser enganosas ou irrealistas, pois esquecem ou amenizam, com o passar do tempo, os motivos específicos que nos levaram a abandonar o país, motivos que no essencial ainda persistem. Talvez as minhas “memórias” tenham sido uma forma de impedir qualquer possível indício de arrependimento, ao me lembrar na escritura das razões específicas pelas quais viver ali significava realmente sobreviver dia após dia devido à impunidade e arbitrariedade do Governo. Para concluir, direi que obviamente teria gostado de ter continuado meu trabalho docente com estudantes cubanos interessados na literatura; ter publicado ali sobre determinados temas quando a divulgação deles dentro da Ilha era mais necessária, mas... teria conseguido tudo isso? Pela minha própria experiência lá, inclinou-me a acreditar que não. No final das contas, triunfa o ditado popular de que “melhor é um pássaro na mão do que cem voando”.

■ **Ainda sobre essa relação com o seu país de origem, em seu livro de poesias, *Aguja de Diversos* (Holanda, Bokeh: 2018), há um poema de título “Regresso”, escrito em língua portuguesa e seguido de uma tradução para o espanhol. O poema faz uma homenagem à língua portuguesa, não só por ter sido nela escrito, mas pela epígrafe de José Saramago (“Então achou o jazigo que queria? Achei, respondeu Ricardo Reis”), e pelo conteúdo que traz o poeta português referenciado na obra de Saramago. A partir desse poema, gostaria de fazer as seguintes perguntas: Compreendendo que o tema do “regresso” é muito caro aos cubanos e cubanas que saíram da Ilha, quanto tempo você ficou sem visitar Cuba e ver seus parentes, amigos e amigas que lá ficaram? E quais foram os sentimentos que despertaram em você quando da sua volta pela primeira vez, depois do exílio?**

O poema “Regresso” nasceu em português. Em 2008 voltei a Cuba pela primeira vez desde minha saída, em 1980. Muito antes, meus pais faleceram lá e eu



não pude comparecer aos dois funerais, porque retornar era ainda conflituoso e até arriscado, pois os cubanos do exílio precisávamos de uma autorização do governo cubano para visitar nosso próprio país e os procedimentos e condições para obtê-la eram imprevisíveis. Mas as perdas do exílio são mais mencionadas do que os ganhos, e às vezes, como é meu caso, os ganhos podem ser imensos. Enquanto minha pátria original se perdia fisicamente para mim na distância, “outras terras do mundo” (Che dixit) me acolhiam, reivindicavam meus afetos e me entregavam os deles: além dos Estados Unidos, senti nascerem novas pátrias na República Dominicana, no México, na Colômbia e, com maior destaque e recorrência desde finais do século 20, no Brasil. Por períodos maiores ou menores de tempo, em todos esses países vivi, trabalhei, absorvi sua cultura, amei e fiz amigos para a vida toda. Foi assim que no romance *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, de José Saramago, experimentei na leitura em português a experiência familiar de que tinha sido privado: no romance, o heterônimo pessoano Ricardo Reis, após anos de exílio, retorna à sua terra natal, o Brasil, e para seu consolo visita finalmente o túmulo de sua mãe. Em *Aguja de Diversos* (2018), “Regresso” conecta-se ao poema meu que reescreve “Tabacaria”, o famoso poema de outro heterônimo de Pessoa, Álvaro de Campos. Minha “Tabacaria” refere-se à mudança de linguagem que minha autoficção poética sentiu durante os longos períodos de tempo em que morei em São Paulo, aqueles períodos em que de repente sonhamos e acordamos dentro da nova língua. Na hora de compor o livro *Aguja de Diversos*, o romance de Saramago (ficção sobre ficção) e as múltiplas práticas de autoficção de Pessoa me convenciam do seguinte: Pessoa inventou heterônimos e atribuiu a cada um deles um estilo poético diferente, mas meu livro podia assumir tal diversidade estilística num mesmo sujeito poético cujo único “deslocamento” seria a língua utilizada ou referida (espanhol ou português). A ironia em “Regresso” seria então verificar que, em termos de linguagem, a voz poética não “regressa”, mas vai ou chega a um mundo novo, o da língua portuguesa.

Por fatores fundamentalmente políticos, a ideia de regressar a Cuba, mesmo que para uma visita familiar, continua a ser um tema quente. Por outro lado, mais de sessenta anos de ditadura e exí-

lio acabam por desgastar os indivíduos e permitir que duas ou três gerações de cubanos tenham nascido fora de Cuba, e hoje se sintam até desligados da Ilha, ou seja, enraizados em outras realidades nacionais. No meu caso, minhas raízes podem ter se expandido, mas sem descurar a raiz central ou original, a qual se mostra diariamente, com fabulações inclusivas e mutantes, no campo dos sonhos. Um testemunho poético dos sentimentos e sensações vivenciados durante minhas visitas a Cuba entre 2008 e 2015 toma forma no Livro I (“Deslaves”) incluído em *Aguja de Diversos*. Este testemunho confirma que, apesar da inaceitável, para mim, a realidade de Cuba — uma realidade que continua sem mudanças políticas substanciais nem esperança de consegui-las —, aquele mundo é, também, o meu país e a minha cultura, o berço dos meus afetos e do sentido da minha vida. E para ter e viver por essas certezas “minhas e em mim” (Darío dixit) não necessito passaporte cubano nem autorização da ditadura para entrar no país.

■ **Gostaria de sair um pouco de Cuba e da cultura hispano-americana e vir para a cultura lusófona e, especialmente, o Brasil, já que você o destaca como sendo uma das terras de acolhimento nas últimas décadas. É notório que você aprecia muito a cultura e a arte brasileiras de um modo geral. Tanto que vem a São Paulo anualmente. Como crítico, professor, apreciador, mas, também, como filólogo, fale um pouco, por favor, sobre o Brasil, esse país-continente que é parte do universo latino-americano, mas que fala uma outra língua que não é o espanhol, predominante na América Latina.**

Algo que me preocupou desde muito jovem foi verificar, no mundo acadêmico hispânico, a marcante distância que existe entre essas duas culturas presentes, entre outras, na América Latina; distância que, como percebi mais tarde, parece ser maior no lado hispânico, em relação ao português. Felizmente, na década de sessenta, contribuiu para minha formação artística o conhecimento do cinema novo (Glauber Rocha, Carlos

Diegues, Ruy Guerra, Nelson Pereira dos Santos), da MPB (Chico Buarque, Gal Costa, Caetano Veloso e Maria Bethânia) e de alguns escritores como Machado de Assis, Drummond de Andrade, Euclides da Cunha e Jorge Amado. Mas recebia tudo isso, exceto a música, em tradução para o espanhol, embora eu já gostasse muito da língua portuguesa. Hoje, para o grande público hispânico, a música, as telenovelas e o futebol brasileiros são importantes para nos aproximar como povos, mas mesmo em 2023 a referida distância dentro da “alta cultura” pode ser apreciada. Na década de oitenta, durante os meus estudos de pós-graduação para um mestrado e um doutoramento em espanhol na Tulane University, decidi reduzir em mim essa distância e incluí a língua portuguesa e a sua literatura como segunda especialização nos meus estudos, e graças a uma bolsa da Fundação Gulbenkian até passei um verão estudando na Universidade de Lisboa e conhecendo melhor esta cidade maravilhosa e o país. Eça de Queiroz, Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, Florbela Espanca, a pintura de José de Almada Negreiros, o cinema de Manoel de Oliveira e o fado de Carlos do Carmo e Amália Rodrigues uniram-se aos meus admirados brasileiros. Tudo isso se expandiu e se enraizou na década de 1990, quando finalmente visitei o Brasil pela primeira vez e desde então, ano após ano, tenho tentado dar continuidade a esse vínculo, principalmente com a cidade de São Paulo, onde por dois semestres fui professor visitante na Universidade de São Paulo, e onde continuo sendo espectador assíduo da sua intensa atividade teatral e cinematográfica. Cheguei inclusive a trabalhar na dramaturgia de uma peça baseada no romance *O Outro Pé da Sereia*, de Mia Couto, encenada pelo grupo Fábrica, e a colaborar como crítico numa das Mostras Latino-americanas de Teatro de Grupo organizadas pela Cooperativa Paulista de Teatro. “Regresso” surgiu em São Paulo, e, por ter sido escrito em português, foi como uma simbiose dos meus sentimentos pelo meu país e família cubana com a nova pátria da adoção ou, mais ainda, de adesão e adição.

**Analice Pereira**, é professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB). Escreve sobre literatura e, vez ou outra, aventura-se pela ficção.

Mora em João Pessoa (PB).

# Dois exercícios de tradução e dois poemas em progresso

Daniel Sampaio

Especial para o *Correio das Artes*

O leitor tem em mãos um exercício de tradução e dois poemas em construção. O primeiro reflete um desafio inusitado, porque traduzi de uma língua (alemão) que pouco conheço. O segundo, por outro lado, reflete a pulsão pura e simples de publicar em papel, porque já fora veiculado nas redes sociais.

Os poemas traduzidos são de autoria de Georg Trakl, *Zu Abend mein Herz* e *In ein Altes Stammbuch*, os quais foram também traduzidos por Claudia Cavalcanti. Meus exercícios tomaram por base essa tradução.

Boa leitura.

## Poemas de Georg Trakl

### *Zu Abend Mein Herz*

*Am Abend hört man den Schrei der Fledermäuse.  
Zwei Rappen springen auf der Wiese.  
Der rote Ahorn rauscht.  
Dem Wanderer erscheint die kleine Schenke am Weg.  
Herrlich schmecken junger Wein und Nüsse.  
Herrlich: betrunken zu taumeln in dämmernden Wald.  
Durch schwarzes Geäst tönen schmerzliche Glocken.  
Auf das Gesicht tropft Tau.*

### *À noite, meu coração*

Ouve-se à noite o grito dos morcegos.  
Pelo campo trotam cavalos negros.  
O bordo rubro rutila.  
Ao andarilho surge na trilha uma taberna.  
Maravilha, provar vinho novo e nozes.  
Maravilha, cambalear bêbado pelo ocaso no bosque.  
Entre galhos secos ressoa ressentido o Sino.  
No rosto o orvalho pinga.

*Tradução de Daniel Sampaio*

### *In ein Altes Stammbuch*

*Immer wieder kehrt du Melancholie,  
O Sanftmut der einsamen Seele.  
Zu Ende glüht ein goldener Tag.  
Demutsvoll beugt sich dem Schmerz der Geduldige  
Tönend von Wohllaut und weichem Wahnsinn.  
Siehe! es dämmert schon.*

### *Em um velho álbum*

Sempre outra vez vens tu, Melancolia,  
Húmil humor da alma recolhida.  
Arde, afinal, uma tarde dourada.  
O enfermo à dor curva-se humílimo  
Gemendo melodias e loucuras sutis.  
Vê! Já escurece.

*Wieder kehrt die Nacht und klagt ein Sterbliches  
Und es leidet ein anderes mit.*

Outra vez volta a Noite e sofre um moribundo  
e com ele sofre um outro.

*Schauernd unter herbstlichen Sternen  
Neigt sich jährlich tiefer das Haupt.*

Treme, sob a penumbra outonal,  
mais cabisbaixo a cada ano.

*Tradução de Daniel Sampaio*



## Dois poemas em construção

(autoria Daniel Sampaio)

### O horror do horto de Vera Cruz

"It is impossible to words to describe what is necessary to those who do not know what horror means"

Coronel Walter E. Kurtz

I

O Horror é o porto e o norte.  
O mar não é mais a ameaça  
que já fora. Agora,  
há em toda parte, não importa  
onde, em toda parte,  
o Horror se faz ordem.

II

Eram três ou quatro,  
cabelos pretos e altas  
as vergonhas. Pobres moças.  
Na orgia do Horror,  
ao redor, a corja da Corte  
e seus *Horrorgásticos*.

E não tínhamos vergonha  
nenhuma.

### Round Midnight

I

De longe o céu fluoresce  
à brisa elétrica  
da orla, sua praia e mar,  
à vista de quem desce  
a Epitácio ao Sol  
esmorecido nos bolsos  
do Varad'Ouro.

O entardecer à Praça  
Dom Adauto  
assombra as pedras  
brandas do Convento  
do Carmo e adensa-se  
todo à cidade que o dispersa  
e se descarna.

Sobrados, ruas, silêncio:  
com a noite,  
os pássaros estrênuos  
dão lugar às grutas  
que, ao Sol recolhidas,  
vergam o peso implacável  
de suas vigas.

Sob a torre das Mercês,  
deflagra-se asfalto a  
Padre Meira  
até o Parque da Lagoa,  
onde o memorial de Pedra  
se faz cerâmica  
armorial.

...

Amanhece.

**Daniel Sampaio de Azevedo**, natural de João Pessoa (PB), onde vive, é autor da plaquete *T'error Sagrado sob o Sol de Meio-dia'* (Mondrogo, 2019), participou da antologia *'Todo Começo é Involuntário: A Poesia Brasileira no Início do Século 21'* (Lumme editor), organizada por Claudio Daniel, e já teve poemas publicados pelo **Correio das Artes**.



ILUSTRAÇÃO: TONIO



# Não vai ter *happy end*

Genilda Azerêdo

Especial para o *Correio das Artes*



FOTO: DIVULGAÇÃO/VITRINE FILMES

'Retratos Fantasmas': ensaio-documentário afetivo e arqueologia sentimental das memórias do cineasta Kleber Mendonça Filho

*Retratos Fantasmas* nos diz muito não somente sobre Recife e seus cinemas de rua, mas também sobre Kleber Mendonça Filho, sua filmografia e a própria história do cinema. A relevância dada ao espaço e suas transformações, em contexto urbano, nos filmes anteriores do diretor, é retomada nesse filme de modo bem explícito, já nas referências contidas nos títulos que compõem cada uma de suas partes: "O apartamento de Setúbal"; "Os cinemas de rua

de Recife"; "Igrejas e espíritos". Note-se a mesma divisão triádica da narrativa em blocos, uma marca dos filmes do diretor.

Diferente dos outros filmes, *Retratos Fantasmas* se constitui como um ensaio-documentário afetivo, uma espécie de arqueologia sentimental das memórias de Kleber sobre sua trajetória como cineasta (imagens nos mostram o diretor bem jovem), como cinéfilo e como cidadão crítico que observa as transformações urbanas e seus

efeitos – no caso, relativos a Recife. A presença de Kleber como voz narrativa, desde o início do filme, instaura um tom subjetivo inerente às narrativas líricas, dando uma dimensão comovente (embora contida) ao que é narrado.

A primeira parte, "O apartamento de Setúbal", resgata a ligação afetiva de Kleber com a casa onde morou parte significativa de sua vida, com a sua mãe Joselice – historiadora que desenvolveu pesquisa sobre os abolicionistas –, e mostra a utilização do local como estúdio (laboratório) para seus primeiros filmes, bem como as transformações por que a casa foi passando ao longo dos tempos.

A casa é mostrada em relação com o entorno, a rua e o bairro – com destaque para várias informações sobre Nico, o cachorro, e seus infindáveis latidos. Nico, que já conhecemos de *O Som ao Redor*. Outras cenas desse filme, realizadas na casa, se misturam a cenas documentais. Os cupins que atacam a casa vizinha, contaminando a de Kleber – um dado referencial – também se fizeram presentes, de modo criativo, em *Aquarius*.

FOTO: DIVULGAÇÃO/VITRINE FILMES





Esses exemplos mostram como Kleber faz uso de dados da realidade na composição ficcional dos seus filmes. Trazer a ficção para *Retratos Fantasmas* embaralha as fronteiras entre gêneros, algo já presente em declarações presentes no filme: “Filmes de ficção e filmes futuristas também são documentários”.

A segunda parte, “Os cinemas de rua do Recife”, mostra todo o amor do cineasta por Recife, seu centro histórico, que foi sendo abandonado ao longo dos tempos: “Eu amo o centro de Recife” é uma declaração mencionada duas vezes, para referendar tal relação amorosa:

Meu, todo meu  
 Minha, toda minha  
 Juntos, esta noite  
 Quero te dar  
 todo meu amor...

Esse trecho da canção “Meu sangue ferve por você”, na voz de Sidney Magal – que nos habituamos a ouvir para falar de amor entre sujeitos, de repente ganha novos sentidos, agora para sublinhar todo um sentimento por uma cidade e seus (des)encantos.

As imagens do centro misturam beleza e degradação, em um misto de resistência e vulnerabilidade – algo sugerido na imagem de um homem que empurra um carrinho de frutas sobre uma das pontes de Recife. Nesta par-

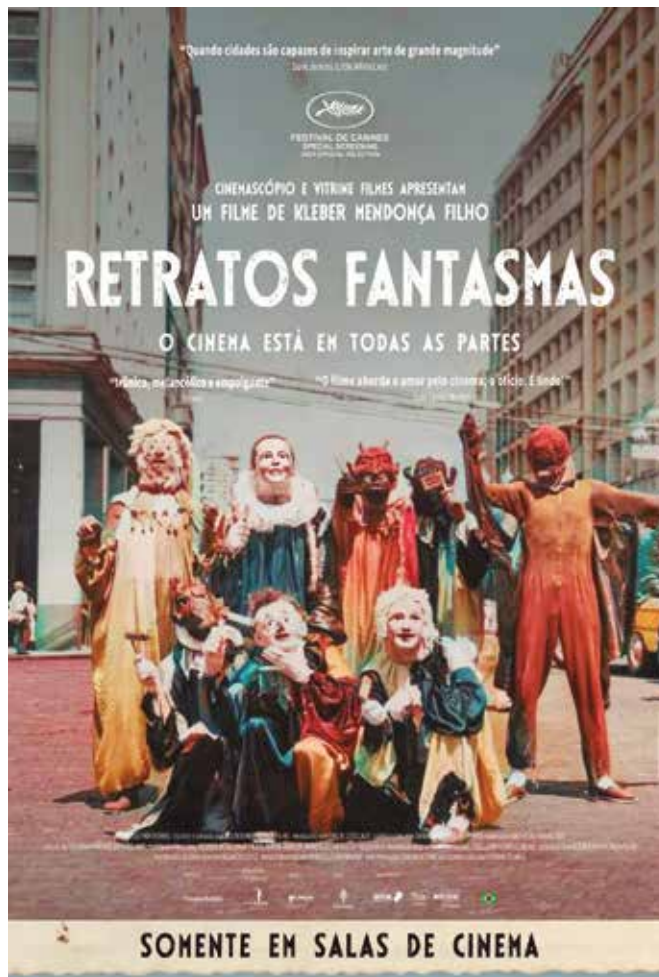


IMAGEM: DIVULGAÇÃO/VITRINE FILMES

Cartaz de 'Retratos Fantasmas', exibido pelos cinemas brasileiros a partir de agosto de 2023

Imagens do centro do Recife misturam beleza e degradação, misto de resistência e vulnerabilidade



Correio das Artes

te, os relatos sobre o fechamento dos cinemas de rua trazem Seu Alexandre, que projetava os filmes no Art Palácio, e que foi responsável por fechar o cinema com uma “chave de lágrimas”. Chave de lágrimas que também é de Kleber. Chave de lágrimas que também fechou o Politeama, o Trianon, o Moderno... e que fez a transição para as igrejas evangélicas, que compraram os cinemas.

A terceira parte, “Igrejas e espíritos”, constrói deslocamentos interessantes sobre templos e a noção de sagrado. Aqui, o Cine São Luiz impera, com sua resistência e seu público *fiel*. Imagens dos espectadores são mostradas dentro do cinema e na rua em frente. Para quem ama a arte fílmica, trata-se de um templo sagrado, onde se poderia assistir a filmes de Glauber e Hitchcock de joelhos, como se em transe espiritual (como poderia acontecer em uma igreja evangélica).

Dentre os materiais de arquivo que compõem o filme (lembrar que o próprio Kleber aparece como pes-



FOTO: OFOFOFOF

Kleber Mendonça Filho, diretor de 'Retratos Fantasmas': metáfora para o poder da imagem fílmica, marcada, a um só tempo, por presença e ausência, precariedade e potência

quisador), além da conversa com Seu Alexandre, merecem destaque: o mapa sentimental do centro da cidade, com relevo para a localização dos cinemas; algumas fotografias de pessoas com prédios de cinemas ao fundo; espectadores da vizinhança servindo de figurantes; flagrantos de Ariano Suassuna como espectador; o ambulante que vendia as fotos e os cartazes de divulgação dos filmes de Hollywood. A propósito, segundo a visão de Kleber, os cartazes de divulgação dos filmes constituíam uma exposição de arte a céu aberto, em plena rua. As letras com os nomes dos filmes também ganham realce e relevância nesse resgate amoroso de ruínas... ou de fantasmas.

A trilha sonora de *Retratos Fantasmas*, além de “Meu sangue ferve por você”, também contribui para enriquecer as camadas temporais de passado que o filme busca resgatar. Já na abertura, temos Tom Zé cantando “Happy end” (Antonio Pádua/Tom Zé), uma

antecipação narrativa das perdas e dos desmontes resultantes do processo de fechamento dos cinemas de rua:

Pra mim não tem jeito  
Não tem beijo final  
E não vai ter happy end  
E não vai ter happy end  
E não vai ter happy  
Não vai ter...

Nelson Ferreira aparece com “Quanto é bom envelhecer” e uma de suas “Evocações”: “Evocação n° 1”, num arranjo para piano e cordas, mais lento do que a versão conhecida dos carnavais, tornando, assim, o tom de evocação do passado ainda mais eloquente. *Evocação*, na verdade, é um termo que também poderia intitular o filme.

Ainda que *Retratos Fantasmas* se constitua como um olhar amoroso e elegíaco sobre parte da própria história

do cinema, com recorte nesse período em que se observam as transformações que deram fim aos cinemas de rua e engendraram as salas de exibição em *shopping centers*, o filme também é marcado por densa crítica social, em termos mais amplos: “Quem mandou matar Marielle?”, por exemplo, aparece como letreiro em meio ao espaço urbano, captado em tomada panorâmica.

O filme também é marcado por homenagens: Claudio Assis e a sequência de Matheus Nachtergaele caminhando nas ruas de Recife em *Amarelo Manga*; cena de *A Seita*, de André Antônio, em que aparecem as ruínas de um Colégio Marista, algo que funciona como mais uma evocação de Kleber. E seguem outras evocações: a foto de Fernando Spencer, as referências a Amin Stepple e a Jomard Muniz de Brito, além das inúmeras referências a filmes de todos os tempos.

É interessante observar como *Retratos Fantasmas* brinca com as noções de fantasmagórico e fantástico/sobrenatural, como nos exemplos: a imagem captada por uma câmera, para a qual não se tem explicação, como se fora um fantasma; a imagem recorrente do que parece ser um fantasma sobre a ponte, recorte de outro filme; ou o relato sobre o fantasma de Nico; ou, ainda, toda a sequência final do filme, que brinca com efeitos especiais, fazendo o motorista de uber desaparecer.

O título *Retratos Fantasmas* também constitui metáfora para o próprio poder da imagem fílmica, marcada, a um só tempo, por presença e ausência, precariedade e potência. Em se tratando, especificamente, de um filme que registra ruínas e resgata seus rastros, além de celebrar o que ainda resiste, nada mais apropriado que o termo *fantasma* e suas múltiplas conotações – sombras, imagens, fantasia, imaginação; enfim, material que compõe o próprio cinema.

*Retratos Fantasmas*, ainda que possa ser concebido como uma elegia, revela como o filme se constitui, de modo criativo e poético, a partir de materiais de arquivo sobre um sujeito (o próprio cineasta) e sua relação afetiva com o cinema, de modo a traduzir a sugestão contida na canção de Nelson Ferreira: “Olhar o meu Recife/Amar a sua gente”. E o espectador, sobretudo o cinéfilo, também acolhe o convite.





Amador Ribeiro Neto  
amador.ribeiro17@gmail.com

# Felipe Nascimento: poesia incisiva e mordente



IMAGEM: REPRODUÇÃO

Capa do segundo livro de Felipe Nascimento: morte, física ou emocional, permeia a quase totalidade dos versos nas várias modalidades



FOTO: DIVULGAÇÃO

Na poesia de Felipe Nascimento, variação de humor livra o eu lírico tanto do chororô patético, como do oba oba gratuito

*O Lado Sensacional da Vida é o Meu*, de Felipe Nascimento (Ed. Patuá, 2019), segundo livro de um jovem de 19 anos. O título de imediato faz pensar no exibicionismo narcisista que cai bem com o perfil geralzão da geração Z, aquela nascida entre os anos 2000 e 2010, em que o poeta se enquadra. Felizmente o subtítulo joga por terra esta suspeita: *Livro dos Mortos*.

O que o leitor vai encontrar em suas cento e poucas páginas um cenário devastador em que a morte, física ou emocional, permeia a quase totalidade dos versos nas várias modalidades, melancolia, apatia, desespero, depressão, desacerto, descontrole, desassossego, desencontros e confrontos sociais. O eu lírico em quase total desconforto: “portas não levam a nada”; “estou agonizando”. Mesmo na terceira parte (o livro é subdividido em três) quando a subjetividade aflora num livro predominante voltado para o praxismo, ela traz as marcas da dor, “contudo há alguma esperança”, como observa Divanize Carbonieri no Prefácio.

A cidade é o espaço geográfico onde as contradições do indivíduo e do coletivo se configuram. Este espaço de modernidade, vivido cruamente em descrições e reflexões, tem nas ruas o *design* de sua desilusão.

Elas são possibilidades que se apresentam, oferecem-se urbanisticamente mas de fato não se dão, não se realizam. Ao contrário: ao inviabilizarem desejos e vontades do eu lírico, frustram-no sucessivamente, aumentando-lhe a dor pessoal e coletiva: “O tédio é um fio de cobre que nos liga”.

Ao contemplar a namorada passeando pelas calçadas rachadas, dá-se conta da solidão de ambos: “Amor saturado / Engordurado”, para concluir num paradoxo: “sem vontade / Tédio / E coragem”. É um naco de esperança que aparece em verde fulo.

Os dois movimentos de variação de humor acompanham significativa parte dos poemas, o que livra o eu lírico tanto do chororô patético, como do oba oba gratuito. A bem da verdade, este eu sabe portar-se distante do maniqueísmo dos sentimentos

e da ideologia sócio-histórico-filosófica. Assim, não cai nas arapucas da poesia neorromântica da trupe emo, nem da poesia panfletária da tribo engajada.

Um diálogo com Drummond une alguns poemas, como se o jovem poeta seguisse de mãos dadas com o poeta de *Sentimento do Mundo*. Felipe Nascimento escreve: “A morte não ecoa nos prédios / Mas os tiros, os gritos sim./ Os passos ecoam nos prédios / Pessoas são hemácias / Células de um organismo desconhecido”.

Em outro: “Há um morto na rua, / Bem numa encruzilhada / Ninguém o quer levar // À direita há um barão/ presidente que perdeu sua elegância / A democracia que só torna iguais a quem tem dinheiro / À esquerda há um pobre homem pobre espancado / Acima um céu azul azul e infinito e infinito / Um outono solar que dizem que não tem fim // Aqui só há rumores, / Nega-se água fresca / Pois ela é propriedade de uma empresa / Ela pode cagar nela se quiser”.

A denúncia do eu lírico é um ato de cumplicidade solidária. Ele identifica-se com o outro a ponto de expressar o desejo de ajuda-lo efetivamente – ou mesmo de trocar-se por ele: “Quero pacificar o coração do suicida / E morrer no seu lugar / Quero olhar nos olhos de cada ser humano / E cantar uma canção já esquecida”.

Mas nem só de ações sociais vive este eu. Ele também ama sua amada e tem seu momento lírico: “Tantas janelas para rua. / Tantos carros, / tantos esbarrões que nada significam. / Houveram tantos tempos / Tantos senhores feudais, / Tantos reis, samurais / Colheitas, filósofos, / Tragédias de amor / Que já perderam o significado. / Mas eu estar aqui, e você aqui / Tem todo o significado. / Esse movimento do diafragma / Essa voz única, / Não se perderá nas mentes / Haverá solo fértil, / Onde as conexões crescerão. / As estrelas não valem menos do que a gente, / Esses olhos também reluzem. / Também seremos os grandes / Do nosso próprio tempo / Da nossa própria história”.

No campo das referências, mitologia grega, indu, guerra de Troia, Frankenstein, arcadismo (“descansa como um Arcade no concreto”), Confúcio, Platão, Sêneca, Modernismo brasileiro, existencialismo sartreano, psicanálise, João Cabral, entre outros

nomes e assuntos, permeiam os temas desta poesia que rasga, lê e questiona a vida do povo brasileiro de A a Z.

“A vida é vã”, diz, e no entanto, invoca a importância da História. Indigna-se com aqueles para quem a História é insignificante. Transcrevo, na íntegra, um poema sem título:

“não é preciso sonhar”. Disse um homem  
Numa palestra de tecnologia. “Hoje, a subjetividade  
está na tecnologia, pronta e na sua prateleira.  
Seus reflexos inconscientes, seus desejos estão  
em um novo filme ou em jogo de videogame”.  
Alguns japoneses esperando a tradução simultânea  
sorriam muito, muito mais do que poderiam, no dia  
de aniversário da bomba de Hiroshima.

Uma das coisas boas na poesia de Felipe é que nada é nela é absoluto. Pontua: “como se tudo fosse igual / E nada fosse”.

Esse transluzir dialético perpassa seu pensamento poético como um vetor de força que dá potência de beleza e qualidade à sua poesia. O tempo todo o leitor sente-se valorizado a cada página deste livro – e encanta-se quando se lembra de que é um livro de um jovem poeta.

Em 2023 Felipe Nascimento lança *Antiquário de Selvagerias* (Editora Patuá). Confirma o legado do livro anterior: um poeta que possui ideias – coisa raríssima na cena brasileira atual. Quando digo ideias, digo ideias originais e profundas. Ideias que fazem pensar, que provocam, que incomodam, que questionam filosoficamente. Ideias que fogem do lugar comum. Do surrado *déjà-vu*.

Ele lança mão dos mitos grego-romanos, da mídia dos nossos dias, da mitologia indu, mantém intertextualidade com Drummond, Bandeira, Sartre, Heidegger – tudo na maior leveza. Com o leitor quase não se dando conta. Não há peso algum. Por quê? o tom é coloquial absoluto. Mas não se engane o leitor, o poeta sabe usar seu conhecimento e coloquialismo com poeticidade particularíssima.

Há uma musicalidade em sua poesia que pauta a visualidade das imagens em admirável harmonia. As ideias fluem e imantam o leitor. Ia escrever seduzem o leitor, mas vou evitar a carga sensual pela qual a semântica da palavra está impregnada. Se há alguma sedução é a da inteligência atraída pela filosofia do cotidiano

e das vivências pessoais do eu lírico.

O cotidiano, em suas dimensões sociais e pessoais, interpõe-se e/ou dissocia-se, não importa, mas está sempre presente como fragmento da memória, da história, do in- e do consciente, sempre politizado, sempre na busca da Liberdade, ainda que o Nada persista e persiga uma busca que se indague e indaga o Mundo o tempo todo.

Não há resposta: só há *flashes* no túnel em que o eu-lírico faz seu percurso de buscas e buscas e buscas.

Quanto às ideias, o clima de festividade (saudar o presente como dádiva *per si*) o de apatia (falta de razões para inserir-se na realidade) ou de engajamento social (denúncias em discurso panfletário) que dominam a cena da poesia atual choca-se com a voz e a dicção deste poeta que sabe performar poeticamente a coloquialidade, a o profundo questionamento filosófico e a contenção verbal. Para espanto e gozo do leitor.

Chega de versinhos nonsense, mimi, eus arrebatados por emoções exaltadas, chororôs de identitarismos panfletários, didáticos e baratos. Essa poesia que graça e desgraça à mancha na contemporaneidade está longe da inventividade criativa e genial de Felipe Nascimento.

Em *Antiquário de Selvagerias*, o ser, a verdade, o estar no mundo, o estar em si são impregnados *de poesia* e estão impregnados *na poesia* com tal propriedade que remetem o leitor ao modo de fazer – e pensar – poesia tal como um T.S. Eliot, um Pessoa o fazem.

Não se assuste leitor com o alto



nível de elaboração deste poeta. A potência de sua poesia nocauteia a cena da poesia brasileira contemporânea.

“Surpreendemo-nos com o mundo porque ele nos parece estranho, inóspito; a indiferença do mundo para conosco provém de que em seu conjunto não tem mais sentido do que lhe outorga nossa possibilidade de ser; e esta possibilidade é a morte. Desde o nascimento, nossa vida é um permanente estar no estranho e inóspito, um radical mal-estar. Estamos mal porque projetamo-nos no nada, no não ser”, observa Octavio Paz.

Ler *Antiquário de Selvagerias* é deparar-se com a morte e o nada em suas várias acepções: a ansiedade, o medo, a opressão, o preconceito, a angústia e outras selvagerias. No entanto, o ato da escrita, a própria linguagem da poesia, que “não é um julgamento ou uma interpretação

da existência humana”, ainda nas palavras de Paz, é ato de confiança na história, de mudança do mundo. É ato de resiliência. É resposta como gesto de escrita. Quem sabe, como diz o escritor português contemporâneo Miguel Sousa Tavares: “A escrita, para mim, sempre foi um ato de resistência pessoal contra as agressões do mundo”.

O mundo, para Felipe Nascimento, não é uma representação, não é “re-presentado” mas “a-presentado”, no sentido heideggeriano do termo. O eu lírico direto e objetivo, “a-presenta” a cena, sem fantasias. Mostra que os homens trabalham três vezes – o que contribui para que a sensibilidade lhes seja roubada. A angústia aparece. Os abusos e absurdos são relatados. A liberdade torna-se uma abstração acadêmica. Resta ao leitor não somente a sugestão do título do poema:

Havia jabuticabas no chão da firma.  
Pisar jabuticabas é como pisar em olhos.  
E a cada vez que eu andava, ia cegando a cidade.

A cada vez que eu andava, sentia culpa e angústia.  
Mas era preciso guardá-las para mim;  
Homens apenas trabalham trabalham trabalham.

Homens da minha classe não podem sentir a delicadeza.  
Perceber no tato os próprios dedos.  
Os homens estão condenados à pinga, à cachaça.  
E a bater nas mulheres em casa.

Os homens estão condenados à burrice de outros homens,  
Estão condenados a gritos.  
É tentando-se ser corajoso que se é covarde  
(Matou a mãe de três filhos).

Tentando manter a honra  
Matou a filha e o namorado  
A liberdade é uma palavra que só existe nas faculdades de economia.

Felipe Nascimento é mesmo um jovem poeta ousado, inteligente, talentoso, porreta. Antes de todos estes adjetivos acrescente-se o advérbio muito. Com 19 anos, em 2019, lança dois livros de poesia, *A Alegria é Surda*, edição independente, e *O Lado Sensacional da Vida é o Meu ou Livro dos Mortos*, 1º lugar no Prêmio Maria Firmina. Aos 23, em 2023, lança *Antiquário de Selvagerias*. Desconheço *A Alegria é Surda*, mas os dois que li, e

comentei neste artigo, são brilhantes e indico vivamente a leitura.

Felipe Nascimento, nasceu em Santos (SP), em 2000, descendente de nordestinos, tendo se mudado para desde pequeno para Praia Grande, onde vive até hoje. É estudante de Letras no Instituto Federal de São Paulo, campus Cubatão. Tem poemas publicados nas revistas Mal-lamargens, Ruído Manifesto e Literatura & Fechadura.



IMAGEM: REPRODUÇÃO

Lançado este ano, obra confirma legado do livro anterior: Felipe Nascimento é poeta que possui ideias

**Amador Ribeiro Neto**, é poeta, crítico literário e professor titular aposentado da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Mora em João Pessoa (PB)

**Contradição**

Se Deus não existe,  
por que o homem  
insiste?

Se Deus não perdoa,  
por que o homem  
tanto o magoa?

Se Deus faz tudo certo,  
por que o homem está  
sempre inquieto?

Se Deus é um espírito  
de paz,  
por que o homem tanto  
desfaz?

Se Deus é o grande criador,  
por que o homem procura  
a dor?

Se Deus é tão cruel,  
por que o homem lhe é tão  
fiel?

Se Deus tão longe,  
por que Dele o homem se  
esconde?

Se Deus não traz solução,  
por que o homem pratica  
uma boa ação?

Se Deus é vingança,  
por que

**Olhai os lírios do campo**

Olhai os lírios do campo,  
aconselhava Jesus.  
Em vez disso,  
olhamos um esmaecido céu onde  
estrelas são pequenos incidentes.

Em vez disso,  
conservamos nossos gestos noturnos e  
temos as mãos em forma de conchas  
sempre.

Em vez disso,  
jogamos sobre os telhados,  
poemas malfeitos,  
envergonhados da existência.

Em vez disso,  
esquecemos os lírios do campo e  
só temos olhos para esquecer a paisagem



**Tudo te ofereci, Poesia**

Tudo te ofereci,  
Poesia.  
O silêncio das madrugadas,  
o lume incandescente das estrelas.

As coisas mais queridas te dei,  
as vozes dos que partiram e  
as vozes dos que chegaram

Os gestos dilacerados,  
embrulhei num pedaço de sonhos e  
te ofereci

Os farrapos que vestia,  
a comida que mendigava,  
a falsa sensação de que existia  
te dei como presente.

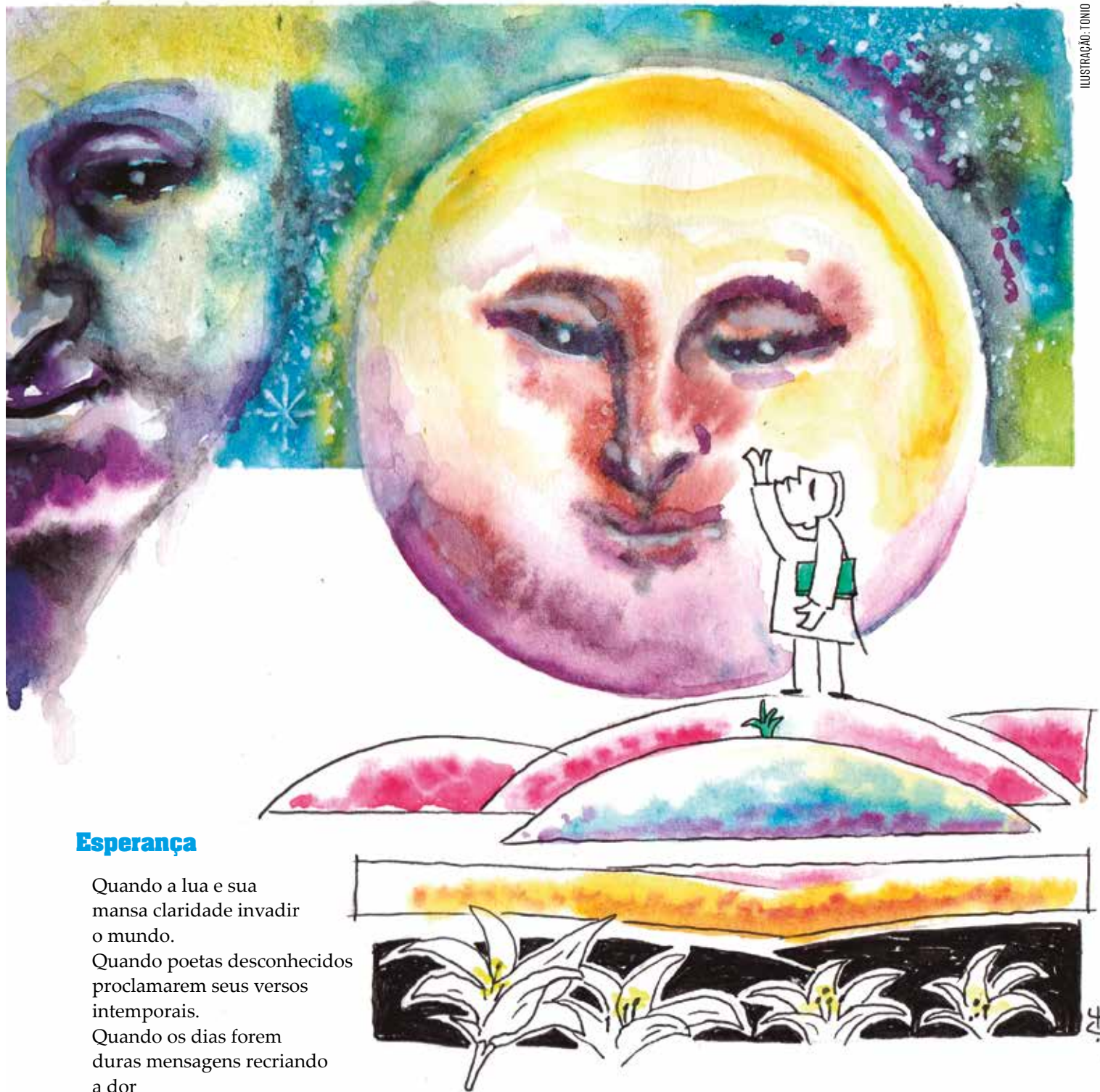
E agora,  
poesia,  
exausto e de pé num campo claro,  
espero que me estendas as mãos e me  
redimas de todas as ilusões.b1



ILUSTRAÇÃO: TONIO



# berto Jales



## Esperança

Quando a lua e sua  
mansa claridade invadir  
o mundo.  
Quando poetas desconhecidos  
proclamarem seus versos  
intemporais.  
Quando os dias forem  
duras mensagens recriando  
a dor  
Quando o responso dos afogados  
chegar aos pântanos e aos ermos.  
Quando a imensidão do teu  
olhar trazer alento aos  
abismos ocultos.  
Quando todos os pressentimentos  
não forem senão um pesadelo.  
Quando tudo se perder na  
lenda e no desencanto.  
Restará um poema,  
um simples poema proclamando aos homens  
que o deserto é fértil.

**Carlos Alberto Jales Costa**, é natural de Natal (RN) e reside em João Pessoa (PB). Formado em Filosofia e Direito, lecionou em várias instituições de ensino superior, entre as quais a Universidade Federal da Paraíba e Universidade Católica de Pernambuco. Já publicou diversos livros nas áreas de educação e poesia. 'Vindimas da solidão' (poesia) é o mais recente.





# Lucas Lazzaretti:

## a nova cara da literatura contemporânea no Brasil

Publicado pela editora 7Letras, Lucas Lazzaretti se divide em múltiplas tarefas: filósofo, professor, romancista e tradutor

**Eduardo Augusto**

Especial para o *Correio das Artes*

A literatura contemporânea brasileira é marcada pela diversidade de estilos e forma estética. Começando a partir do final do século 20 e início do século 21, tem no movimento Modernista uma das principais influências. Algumas das mudanças mais importantes dessa contemporaneidade são o Poema-Processo, a Poesia-Marginal e o Concretismo, entre outros.

Grandes nomes, como Ariano Suassuna, Caio Fernando Abreu, Cora Coralina e Adélia Prado, fazem parte desse período tão rico de nossa literatura. Mas o Brasil vive, hoje, uma safra de escritores e escritoras de grande talento e importância para o cenário das letras em nosso país.

Nossa literatura vive um momento de muito significativo tanto do ponto de vista estético como de volume de produção. Junto com essa produção outro fenômeno acontece, o nascimento de diversas editoras independentes e de pequeno porte que dão vazam aos diversos autores e autoras que vem surgindo no cenário literário.

Nesse contexto tão prolífico, alguns nomes merecem ser lembrados: não todos, pois são muitos, Aline Bei, Jeferson Tenorio, Tiago Germano, Bruno Ribeiro, Tatiana Salem Levy, Debora Ferraz, Julian Fuks e Luiz Rufato. Eles

são um exemplo do que desponta na literatura contemporânea. Além dos já citados, Lucas Lazzaretti é um autor que chama a atenção pela sua produção e ousadia estética.

Lucas Lazzaretti tem uma obra fora da curva. Nascido em Pato Branco, em 1989, viveu em Curitiba onde fez sua formação acadêmica. Hoje é doutor em Filosofia e tem sua obra publicado pela editora 7Letras. Entre seus livros estão *Saturno Translada*, *O Escritor Morre à Beira do Rio*, ambos romances, e o livro de contos *Placenta: Estudos*.

Lazzaretti se divide em múltiplas tarefas: filósofo, professor, romancista e tradutor. Em seu trabalho, o autor discute as relações humanas, violência, poder e as diversas faces da condição humana, buscando no cotidiano banal e nas rotinas diárias, o entendimento dessa condição, numa escrita que desafia o leitor a tentar passar as páginas iniciais para que, mais adiante, seja surpreendido pelas reviravoltas escondidas em cada gesto banal de seus personagens.

Mas para abordar violência, estética e a condição da literatura brasileira, nada melhor do que conversar com o próprio Lucas. Ele concedeu ao *Correio das Artes* esta entrevista exclusiva, que o leitor confere agora:



■ **Lucas Lazaretti, você transita por várias áreas, da filosofia ao poema, do romance ao ensaio. Fale um pouco de sua formação acadêmica e como consegue fazer essa mudança. São trabalhos independentes ou eles se conectam?**

São trabalhos independentes na medida em que se conectam. Ou, talvez, são trabalhos que se conectam precisamente naquilo que possuem de independência. Agora que eu comecei com essa forma barroca afetada, posso falar com mais tranquilidade sobre a suposta formação acadêmica. É banal, como costuma ser o caso. Cursei filosofia e direito na graduação, depois completei todos os requisitos para obter os títulos de mestrado e doutorado em filosofia. O salto desavisado de um gênero para outro, isto é, de poesia para romance, de contos para ensaio, isso parece ser o resultado de uma tentativa de aprendizado ou de experimentação em campos supostamente diferentes. No fundo, se trata de escrever. Os gêneros preexistem apenas na medida em que indicam um modo de escrita – mais ou menos literária –, e a graça toda está em borrar um pouco essa linha, quando possível.

■ **Nos seus romances, há uma preocupação com a narrativa e com a experimentação. No romance *O Escritor Morre à Beira do Rio*, isso fica bem evidente. Isso se dá na literatura brasileira contemporânea? Como você vê o romance brasileiro, hoje?**

Qualquer discurso que tente dar conta dessa coisa tão grande e abstrata, a “literatura brasileira contemporânea”, tem que lidar com as definições iniciais. O que é a literatura? E, depois, o que seria a literatura brasileira? Minha percepção vem de algumas leituras esparsas e bem pouco sistematizadas. Isso para dizer que o que encontro, em sua vasta maioria, não anima o suficiente. Parece haver uma predileção por certos modos de se pensar o “romance” na literatura sendo publicada, digamos, nos últimos 20 ou 30 anos, para englobarmos aqui esse conceito de “contemporânea”. Esse modo é marcado por um realismo enfraquecido que tende a tentar compensar a sua estrutura bastante batida e usual com alguns lampejos de experimentação ou de inventividade. Uma quebra no fluxo narrativo, algum ensaio de polifonia, mas nada muito ousado. Talvez essa minha impressão seja, no fundo, uma



IMAGEM: REPRODUÇÃO

Nos romances de Lazaretti, há preocupação experimental, como em ‘O Escritor Morre à Beira do Rio’

consequência do que podemos encontrar no romance brasileiro anterior ao contemporâneo. Desde Machado de Assis, e então Lima Barreto, e Graciliano Ramos, e Guimarães Rosa, e Lucio Cardoso, e Osman Lins, e, radicalíssima, Hilda Hilst, havia a impressão – talvez só a minha, muito subjetiva – de que o romance apontava para outros caminhos. O que encontramos nas muitas de produções recentes não é nada disso. Nada que indique que aquelas picadas produziram uma trilha. Lê-se esses romances publicados, muitos deles festejados, premiados, exaustivamente publicizados por impulsos de mercado, e o que se encontra é uma linha que parece remontar ao romanesco do século 19. Alguns temas mais ousados, mas não muita coisa. Claro que há exceções: Elvira Vigna, Luci Collin e Edyr Augusto, para citar alguns. Mas estão a contrapelo, essas exceções, me parece.

■ **Falando em Brasil, vejo que a crítica especializada tem tido diversos problemas em fazer seu trabalho. Dois casos me chamaram a atenção, o do crítico gaúcho Luiz Maurício Azevedo, que fez uma crítica negativa à obra de um escritor negro e foi alvo do “cancelamento”, apesar de ser negro e ativista. O outro caso foi de Itamar Vieira Junior, que não gostou da crítica de Lígia G. Diniz. Ele achou um ato quase racista. Como esse patrulhamento impede uma boa crítica? A palavra “ruim” não pode ser mais**

**usada? Gostaria que você comentasse um pouco sobre esses temas e o papel da crítica, hoje.**

Dois casos muito distintos, esses. No primeiro mencionado, os ataques partiram de, pelo que entendi, apreciadores da obra criticada. No segundo caso, os ataques partiram do autor. Que o autor tenha considerado a crítica um ato racista, como enfaticamente ele colocou, isso é um julgamento que precisa de respaldo. Por se tratar de uma questão que, no fim, tem uma importância extremamente relevante, o combate aos atos racistas, então o autor poderia levar suas acusações para o campo jurídico, caso julgue pertinente. Quer dizer, se se trata de um ato racista, ele deveria ser considerado enquanto tal. Caso contrário, o que se denuncia ali é uma coisa completamente diferente, isto é, trata-se de uma denúncia espelhada em que a acusação visa blindar a projeção de uma subjetividade ou de um ego que pretende encobrir e blindar um livro que é protegido não por seu suposto valor artístico, mas por seu valor de mercado. Neste ponto chegamos no que me parece ser o âmago da coisa: o patrulhamento. Se ele existe realmente, nunca pareceu ser em um nível estético, literário ou mesmo artístico. Segue um molde neoliberal, de tal maneira que não se entende que uma crítica bem-feita não diz o que é “ruim”, pura e simplesmente, mas indica, por meio de categorias estéticas, literárias, etc., quais são os problemas, fraquezas e entraves de certa obra. É preciso frisar:

da obra, nunca do autor.

■ **Você comentou que o livro *O Escritor Morre à Beira do Rio* é parte de uma trilogia sobre narrativa. Poderia explicar como funciona essa empreitada?**

É uma empreitada muito mais imaginativa e conjectural do que propriamente efetiva. Costumo pensar meus trabalhos literários como projetos. Alguns são independentes, alguns são preparações, ou estudos, e outros são mais definidos. Quando estava escrevendo *O Escritor Morre à Beira do Rio*, tive essas ideias para outros dois romances. Fiz as anotações, formulei as bases e percebi que havia ali um projeto que dialogava com o que estava escrevendo. São três romances sobre o fazer narrativo. Independentes em seus temas, personagens, tudo. Mas interligados nesse sentido de debaterem, dentro do romance, a própria constituição e os próprios limites da narração. São planos a serem realizados.

■ **Você foi finalista do Prêmio Jabuti de 2019. Qual sua percepção sobre esses prêmios cercados de interesses e onde nem sempre a qualidade literária vence?**

Minha percepção é de alguém que observa tudo desde fora. Por publicar em uma editora independente, que não está nos grandes eixos econômicos e midiáticos já tão conhecidos, ser finalista de um desses prêmios é algo de pouco impacto. Nessa distância toda, talvez possamos perder um pouco a ingenuidade e ver as coisas pelo que são. Há interesses comerciais, há jogos de influência, há presenças suspeitas e há lógicas que não parecem pautar-se unicamente por categorias estéticas e afins. Mas isso não é algo exclusivo do Brasil, é preciso dizer. Está por todo lugar. Para um ambiente literário muito restrito e enxuto como o brasileiro, no entanto, esses prêmios acabam servindo como uma espécie de guia de aprovação, uma indicação que toma o lugar de uma suposta atribuição de qualidade. Quando a crítica literária é praticamente inexistente, os prêmios substituem esse espaço, me parece. Mas um jurado de prêmio não é um crítico. Em uma crítica, daquelas realmente realizadas, ou seja, embasadas e rigorosas, o crítico é forçado a evidenciar, cedo ou tarde, seus parâmetros e suas categorias de análise e julgamento. Um jurado de prêmio não precisa fazer isso. Se um crítico escreve uma boa crítica sobre o livro de um amigo, há – ou deveria haver – uma suspeita a ser levantada. Mas se um jurado, ou um corpo de jurados, premeia

um autor amigo, um autor camarada, um autor da mesma editora, não há nada de errado. Ao menos não para essa lógica. Porque a lógica é distinta. Isso é um fato. Para os que não estão inseridos nessa lógica, um prêmio pode ser visto como algo potencialmente interessante, mas sempre com uma voz soprando *memento mori* no ouvido.

■ **A literatura sempre teve potencial transformador. Hoje, ela é vista como um eficaz e enriquecedor argumento de debate. Pela leitura, as pessoas têm encontrado palavras para dar vazão a sentimentos ainda pouco nítidos dentro de si e, de certa forma, têm descoberto que muitas experiências não são isoladas, mas sim resultado de um constructo social. Você acredita que a literatura tem contribuído positivamente para a construção de novas políticas públicas? Podemos acreditar que a literatura tem algum poder de transformação ou, ao menos, renovação social?**

Não acredito que a literatura tenha contribuído positiva ou negativamente para a construção de novas políticas públicas e não acredito que ela tenha, por si só, o poder de transformação ou de renovação social. Literatura não é sociologia, ciências políticas ou qualquer tipo de discurso de ordem pragmática ou mais voltado para o traço prático. Ela pode ser engajada, certamente, mas o campo de seu acontecimento é completamente diverso. A literatura pode incitar ideias, pode dar o que pensar, pode sugerir imagens nunca antes pensadas por leitoras e leitores, mas não é sua função servir para esses fins. Existe uma confusão aqui: porque a literatura pode servir como um estopim, não significa que ela tenha de necessariamente servir para isso. A ficção, a poesia, a narração, a poética, como queiramos chamar, aconteceu nas situações mais variadas possíveis. Pessoas narravam ao redor de fogueiras e cantos nasciam de tradições orais; pessoas escreviam enclausuradas, perseguidas, isoladas, na bonança mais agradável e nas piores penúrias. E escreviam sobre amor, sobre morte, sobre solidão, sobre o piscar dos olhos ou sobre os muitos fios que constituem um complexo tecido social. Ovídio ataca os tiranos ao mostrar como os deuses são violentos e absurdos em suas *Metamorfoses*, e Sei Shonogan, no século XI, uma dama da corte, escreve *O Livro do Travesseiro* mesclando pensamentos próprios, poemas, descrições de personalidades e análises da vida política

de seu tempo. Erguer um pouco a cabeça e olhar para o que foi feito talvez seja salutar para autoras e autores contemporâneos. Ler também é algo indicado, dizem.

■ **Nas últimas décadas tem-se notado um movimento latente para a elaboração de uma literatura que não seja exclusiva. Isso pode ser entendido a partir de duas vertentes: a simplificação da escrita e a inclusão de autores, vozes e personagens plurais, que contemplem em alguma medida a diversidade humana. Como você vê essas mudanças? Como fazê-las não apenas em caráter exploratório, mas também de modo a contemplar a riqueza linguística e cultural brasileira; uma literatura que não seja um desmonte tampouco desmontada?**

Não estou seguro de que se trate de uma mudança na própria literatura. Ao que tudo indica, se trata de uma suposta mudança de algo que circunda ou tangencia a literatura. A pluralidade de vozes, para mais ou para menos, existe na literatura faz muito tempo, desde seu início. É claro que, por razões culturais e de certas hegemonias, houve uma maior presença de determinados personagens ou determinadas vozes na literatura mais recente que nos chega. Pensando na literatura feita nos últimos três ou quatro séculos, nessa que chamamos estranhamente de “ocidental”, há claramente a presença predominante da visão masculina, heterossexual, europeia, etc., etc. Mas, o que talvez possa ser interessante considerar, é que literatura, como já pontuei, não é sociologia, então não pode depender de dados estatísticos. Sim, há um milhão de personagens, digamos, hegemônicos, mas talvez os mais interessantes tenham sido precisamente aqueles não-hegemônicos. E se uma voz jamais apareceu, pelo motivo que for, basta escrevê-la. Foi o que fez Faulkner em *O som e a fúria* com o personagem Benjy, foi o que fez Graciliano Ramos com seu *Vidas Secas*, e assim por diante. A questão é tangencial à literatura, porque não parece se tratar de vozes narrativas, ficcionais, mas de vozes autorais. A disputa é por um espaço social, muitas vezes de mercado, político nesse sentido. A riqueza linguística e cultural está sempre presente. Alguém apura os ouvidos, estica a mão com gentileza e lá está. Ser capaz de fazê-lo, de converter essa riqueza em material de escrita, isso segue inabalado. Para parafrasear William Gaddis, muitos querem ser escritores, poucos querem





IMAGEM: REPRODUÇÃO

Em sua obra, autor discute as diversas faces da condição humana

escrever. Se isso de ser “escritor” é só uma posição social, política, então talvez não passe de um emprego, de um status, ao menos nesse sentido. Tenho bem pouco interesse nesse aspecto.

■ **Percebe-se que a banalidade é traço forte em sua escrita. O que há de tão interessante no banal que mereça ser narrado? É nos rincões do cotidiano que se esconde o extraordinário?**

Se a banalidade for pensada aqui em um sentido de cotidianidade, como foi apontado, então há muito interesse em se narrar esse traço. Acontece que, quando explorado devidamente, o cotidiano pode revelar que sua banalidade não tem nada de simplório, mas serve como uma chave para elementos existencialmente relevantes. Não se trata de encontrar precisamente o extraordinário, mas de fazer o inverso, desvelar o que há no ordinário que o torna tão precioso, tão singular. Em O escritor morre à beira do rio, isso se dá inicialmente através das vidas simples dos personagens, em seus objetos domésticos, em seus eventos triviais. Nesse romance em particular, me interessava fazer com que a narrativa se abrisse precisamente nesta ranhura deixada pelo doméstico e trivial, pela tensão que se forma. Um objeto observado por muito tempo deixa de ser cotidiano, ou então revela algo sobre o cotidiano que nunca havíamos visto. Uma saída narrativa é aquela já tão batida, e fácil, diga-se de passagem, do fantástico. Disso a literatura latino-americana já está cheia.

Outras visadas podem ser possíveis e é isso que chama a atenção nessa cotidianidade aqui evocada.

■ **Sempre estivemos em um Brasil fragmentado. Vivemos, hoje, no entanto, em um Brasil nitidamente polarizado. Sua escrita tem endereço? Você escreve para alguém em específico ou busca cativar qualquer leitor? Você acredita que os autores tenham, de alguma forma, um papel pedagógico na vida de seus leitores? Eles devem endereçar sua escrita a alguém?**

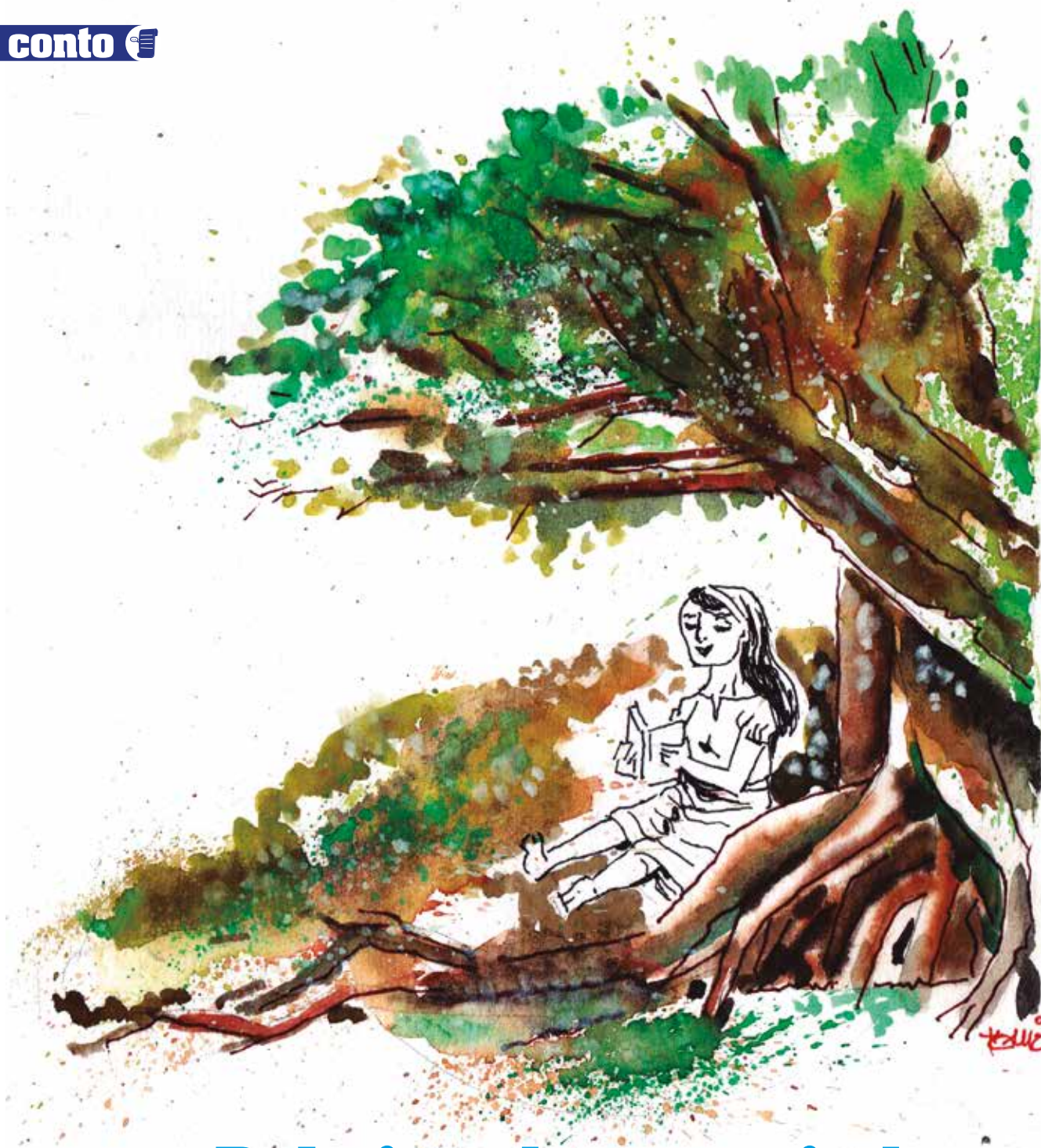
Não escrevo para ninguém, não tenho ninguém em mente quando escrevo, sejam leitores ideais ou leitores concretos e específicos. Cativar o leitor é papel da narrativa, da linguagem, do estilo, enfim, da literatura. Ela faz isso quando dá conta de fazer as cordas de seu efeito vibrarem na mesma frequência de todo o corpo do instrumento que a constitui. Não acredito que os autores tenham, por excelência, um papel pedagógico na vida de seus leitores, embora isso certamente possa acontecer. Escrever com uma finalidade exterior a isso que chamamos aqui muito vagamente de literatura é temerário, porque se favorece o externo e com isso se perde o literário. Não posso falar por outros autores e outras autoras e pelo que

estes devem ou não fazer, mas considero no mínimo problemático quando um romance se torna etnografia, por exemplo, porque então a coisa toda descamba para ser um péssimo romance e uma péssima etnografia, simultaneamente. Endereçar uma escrita a alguém, além de ser um ato temerário, por acabar alienando vários leitores neste processo, é também um desconhecimento quase ingênuo sobre como funcionam as dinâmicas de leituras e recepção. Minha impressão é que, quando se trata de literatura, não se escreve para alguém específico, para educar alguém, para ser a voz de sua geração, para ser o cavaleiro da justiça ou algo que o valha, apenas se escreve. Qualquer outra atribuição é no mínimo vã, quando se pretende ser um autor vendido, no duplo sentido, ou um autor famoso, coisas desse tipo. Isso pode interessar a muita gente, certamente. Tornar-se um produto ou, melhor, uma mercadoria não está no meu horizonte.

■ **Gostaria de encerrar nosso papo com uma pergunta que faço aos nossos entrevistados que são tradutores. Usando uma expressão de Walter Benjamin, o filósofo alemão, qual é a função do tradutor?**

O tradutor, quando tem muita sorte, quando pode contar com muita boa vontade alheia, quando faz bem o seu trabalho – e isso é sempre muito difícil de se mensurar –, enfim, quando realiza o que tem de realizar é um introdutor de mundos. Não precisamente um criador, me parece. Digo aqui a partir de um caso quase romântico e certamente minúsculo que é o meu, de alguém que não é em geral contratado para traduzir nada e que escolhe o que pretende traduzir por afinidade, que seleciona seus projetos em função de convicções. Vejo lá coisas maravilhosas, em outras línguas, em outras tradições, em outras técnicas e estilos, então penso: seria lindo se as pessoas que leem em português pudessem ler isso. Faz-se o esforço para mostrar o que nos compele, o que nos parece valioso. Com isso se cria linhas, caminhos, mas não mundos. Os mundos estão lá, nas outras línguas. A função do tradutor, talvez, seja apontar o dedo. Tornar possível. Só isso já dá muito trabalho.

**Eduardo Augusto**, é graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), é pesquisador da obra do artista visual José Rufino e é assessor da Diretoria de Mídia Impressa da Empresa Paraibana de Comunicação (EPC). Mora em João Pessoa (PB).



## Debaixo do tamarindo

**Francisca Alexandre de Lima**

Especial para o *Correio das Artes*

Era debaixo do tamarindo que eu costumava ir todo final de tarde. Lia meus livros, fazia minhas lições e encontrava Roberto, quando o sol queria desaparecer. Os galhos do tamarineiro, em tempos de outono, soltavam suas folhas, que serviam de cama para deitarmos e olharmos o céu por uma de suas frestas.

Sobre as folhas, havia uma espécie de dois corpos esculpidos em baixo relevo. O vento parecia respeitar a arte, não tirava nenhuma folha do lugar. Os sapatos teriam que ser os mesmos. Se acaso fosse com um diferente, a regra era: ficar descalça e juntá-las para bem próximo dos meus pés, tocando bem os de Roberto.

Neste juntar de folhas e corpos, nos amávamos, pensávamos em construir nossa família. Seriam três filhos, afirmava Roberto. Queria dois homens e uma mulher, e eu sempre o contrário.



— Não, serão duas mulheres e um homem. Eu sempre retrucava, acrescentando: — Elas não ficarão por aqui quando crescerem, irão estudar na cidade do Recife. Dessa vez, foi ele que redarguiu: — Não, senhora, Recife não, pense em outra cidade. A teima que se instalava era motivo de boas risadas, pois o desfecho era sempre com longos beijos e muitas carícias.

Havia dias que nossa imaginação ia além do desejo de ter filhos. Eu seria uma grande escritora, dedicarme-ia a escrever sobre as mulheres da região, que, a tirar pela fama, eram dependentes de seus maridos, bravos guerreiros, provedores de lares, fortes e corajosos. Eu desconfiava e entendia aquilo como uma grande falácia.

Na verdade, eram mulheres fortes, tomavam as decisões em casa, criavam seus filhos sozinhas, pois os bravos maridos iam buscar trabalho em outros lugares e acabavam ficando por lá. Essas mulheres viviam mesmo em um mundo de direitos desiguais. E eu, indignada e inspirada em Simone de Beauvoir, mas sem a sua coragem para viver relações, ia construindo o capítulo de meu livro. Roberto, entre uma referência e outra, costumava dizer: cuidado para não colocar o nome original dessas mulheres em seu livro. Mas, minha vontade era mesmo dizer: — Maria do Socorro (e não Corrinha de Luca), Maria José (e não Maria de Jacinto). Ah! Danem-se os maridos.

Quanto a Roberto, não iria fazer administração, pois não queria cuidar dos negócios de seus pais, seria um médico famoso na região, iria fazer o parto dessas bravas mulheres, orientá-las no pré-natal e usar anticoncepcionais, a grande novidade que chegava por aqui nos anos 1970.

Eu adorava ouvir Roberto falar que orientaria Maria do Socorro, Maria José e Guilhermina a tomarem pílula. Chegava a vibrar com suas palavras.

Certo dia, como uma vela fúnebre de cera, chorei como uma criança que não quer ser acalentada. Cheguei debaixo do tamarindo, deitei-me no meu desenho, esperei Roberto deitar ao lado, mas ele não chegava. Adormeci, fui acordada tempos depois com um grito que vinha lá de longe. Era minha mãe: corre, aqui, menina!

Às pressas, fui ao encontro dela, subi a calçada na mesma velocidade que vinha ao levantar. Eram cinco degraus feitos de troncos de carva-

lhos, roliços, os quais pareciam guardar muitas histórias. A velocidade que vinha me fazia pensar: quem os derrubou? Quem os deixou tão roliços? Quem os colocou em fila? Se me dissessem que foi uma daquelas mulheres, não ficarei surpresa. O fato é que esses batentes podem guardar a paleontologia dos Carvalhos. Será?

Não tinha muito tempo para encontrar as respostas. E, em meio aos meus pensamentos, ouvi minha mãe dizer: — Vem cá, menina! Bota querosene na lamparina, ajunte a roupa do quarador que vai chover.

Atendi-a, prontamente. Minha rebeldia servia para pensar naquelas mulheres da região. Com minha mãe não. Cumpria à risca o que ela mandava, não queria aborrecê-la. Era uma mulher como aquelas que falei, mas ainda fazia algumas coisas para agradar meu pai. Aliás, acho que ela fingia que agradava. Vez por outra, a ouvia dizer: Joaquim, “vá para baixa da égua”.

No outro dia, no mesmo horário que o sol queria desaparecer, fui de novo para meu lugar favorito. Meu desenho e o de Roberto estavam lá, intactos. Deitei-me, lentamente. Puxei um velho jornal que a prima Verônica trouxera da cidade de Recife. Li sobre a ditadura militar no Brasil e que Estados Unidos e União Soviética disputavam a hegemonia econômica e militar no mundo. Qualquer semelhança com os dias de hoje é mera coincidência. Li, também, que muitos artistas e jornalistas deixavam o Brasil.

Eram dias tristes e sombrios na sociedade brasileira, a leitura que fazia parecia estagnar todos os meus pensamentos, parar todos os relógios do mundo. Por um instante, achei que era preferível morrer a ter que me calar como escritora que tanto desejava ser. Não poder conversar com aquelas mulheres, livremente, era o fim de uma vida.

As notícias daquele jornal, ainda que para mim chegassem atrasadas, deixavam-me tão perplexa que esque-

ci que Roberto não estava ao meu lado. Olhei duas vezes para ter a certeza. O vento parecia entender que ele não iria mais voltar, pois, lentamente, desfazia seu desenho esculpido nas folhas do tamarineiro. A ponto de todos os dias, quando por lá me encontrava, percebia que faltava alguma parte de si. Um dia era um braço, outro foram-se as pernas, depois o coração, até sumir completamente.

Soube pela vizinhança que ele havia se mudado, tinha ido fazer administração na cidade de Recife. Por lá se casou, teve três filhos, duas mulheres e um homem, como eu queria. Quer dizer, nem tanto como eu queria. A esposa teria que ser eu.

Por algum tempo achei a atitude de Roberto cheia de covardia, mas ao me recordar de que eu não contrariava minha mãe, entendi que ele fazia o mesmo pelo seu pai. Afinal, os homens daquela região são fortes, não choram por amor, não deixam que as mulheres decidam.

Hoje, talvez tenha me perdido na solidão da vida. De um nem tão grande amor tive uma filha. Quero que ela seja como aquelas mulheres, que dão o melhor de si, que decidem seus destinos e suas vidas.

A grande escritora não me tornei, mas sobrou o desejo de me fazer ser ouvida, sem ter que viver numa ditadura, de poder conversar com aquelas e outras mulheres. A certeza de que, naquela região, minha sombra, que de homogênea pouco tem, produziu bons frutos para quando mais tarde, junto com minha filha, lá voltarmos, possa dizer: aqui, estive uma mulher que, agasalhada debaixo do tamarindo, foi muito feliz e viveu um grande amor.

**Francisca Alexandre de Lima** nasceu na cidade de Patos (PB) e vive, atualmente, na capital paraibana. É formada em Pedagogia com mestrado, doutorado e pós-doutorado em Educação, e professora do curso de Pedagogia do Campo na Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

# Os 90 anos do mestre Gonzaga Rodrigues

José Mário da Silva

Especial para o *Correio das Artes*

No último dia 20 de junho do ano em curso, a Academia Paraibana de Letras, em alto estilo, escancarou as suas portas para reverenciar os 90 anos de Gonzaga Rodrigues, seguramente, o maior cronista literário em atividade, atualmente, no Estado da Paraíba; e um dos maiores cultores do gênero, em todos os tempos, compondo, ao lado de figuras do porte de Luiz Augusto Crispim, F. Pereira Nóbrega, Nathanael Alves, Maria José Limeira, Juarez da Gama Batista, Virgínius da Gama e Mello, Sindulfo Santiago, Robério Maracajá, Rivaldo Cavalcanti, Mica Guimarães, Carlos Romero, dentre outros tantos que me escapam da memória, um vasto e qualificado código onomástico, que encontrou no difícil e fascinante gênero literário em apreço, o ponto de partida e de chegada de todas as suas cogitações e voos estéticos.

A crônica literária parece ser um gênero de fácil arquitetura, mas que de fácil não tem absolutamente nada, visto que exige de quem a ela se dedica, ou por ela se presume vocacionado, a capacidade de, com engenho e arte,

infundir criativo lirismo nos processos de transfiguração da vida; da vida como ela é, diria Nelson Rodrigues; da vida ao rés do chão, conforme o acertadíssimo dizer de Antonio Candido, corporificado num lapidar ensaio que consagrou a esse gênero literário autenticamente brasileiro.

Muitos, ignorando que a crônica literária, genuína, não pode prescindir do luminoso estatuto do ser-fazer da poesia, imaginam que tudo que se põe na face branca do papel pode ser chamado de crônica, o que redundando em rematado equívoco. Muitos há que, ao se presumirem cronistas, jamais logram transcender, isto sim, a condição de crônicos, meros reduplicadores denotados do real, dado que findam desconhecendo, à luz das teorizações sábias do mestre Eduardo Portella, que o traço indelevelmente seminal da crônica literária é a tensão que se potencializa no corpo da linguagem; linguagem essa permanentemente transida entre o imediatismo circunstancial e o apelo à transcendência, ainda de acordo com Eduardo Portella.

Gênero anfíbio, por natureza, a crônica literária, na aparência, até em função da sua natural espacialidade de origem, dá-nos a ilusão de ser jornalismo refinado, quando, no final das contas, é literatura; literatura que, emergida das mãos de um mestre do quilate de Gonzaga Rodrigues, configura-se em literatura da mais elevada qualidade estética, ao mesmo tempo em que se acumplicia à rica substancialidade humana.

Na ocasião em que na Casa de Coriolano de Medeiros, da qual é um dos mais celebrados integrantes, Gonzaga Rodrigues, cercado de amigos e admiradores, por todos os lados, ce-

Maior cronista literário em atividade na Paraíba, Gonzaga Rodrigues completou 90 anos de idade em junho com o lançamento de 'Com Os Olhos no Chão'

**A UNIÃO**

FOTO: ROBERTO QUEDES / A UNIÃO





lebrou os seus bem-vividos 90 anos, deu-se, de igual maneira, o lançamento do mais recente livro do criador de *Retrato de Memória*. Refiro-me ao livro *Com os Olhos no Chão*, coletânea de crônica, 102 crônicas, na realidade, produzidas, ao longo de mais de meio século de ininterrupta atividade literária.

Na oportunidade, alargando o compasso de outros prêmios merecidamente já recebido, Gonzaga Rodrigues recebeu a Medalha Oscar de Castro, que lhe foi outorgada pela Academia Paraibana de Letras, o que dá bem a medida da importância de Gonzaga Rodrigues, não apenas para a Casa de Coriolano de Medeiros, mas para a cultura e a literatura paraibana, de um modo geral.

*Com Os Olhos no Chão*, título do novo livro de Gonzaga Rodrigues, numa primeira e apressada hermenêutica, poderia insinuar que o novo voo literário empreendido pelo ilustre filho de Alagoa Nova seria desprovido de transcendência, compreensão, ao fim e ao cabo, inexata, dado que o ponto conceitual é outro; e bem distinto.

Na crônica literária de Gonzaga Rodrigues, sumamente poética em suas heterodoxas formulações, imanência e transcendência andam juntas, são almas gêmeas e irmãs siamesas, privilegiada plataforma de um olhar que, sem negar as amplitudes infinitas do céu, não, mais arraigadamente, se aferra às vivências da terra, na qual, cercados de aflições, de variadas procedências, os seres humanos vão tecendo e destecendo os fios das suas sempre acidentadas peripécias.

É nesse sentido que flagro e compreendo o olhar radicalmente vigilante que Gonzaga Rodrigues põe no chão da sua existência, bem como na existência de tantos quantos compõem o enredo da sua pluridimensional crônica literária. É por esse viés que a crônica literária de Gonzaga Rodrigues assume uma feição inequivocamente social, na medida em que se volta para os aspectos mais dolorosos de que se reveste a realidade social brasileira, marcada por desigualdades extremas, entre os muito ricos e os dramaticamente pobres; os que tudo possuem, em contraposição aos que de tudo têm falta. Aqui, o cronicário de Gonzaga Rodrigues se assume timbrado pelas cores do questionamento, da crítica, do combate de tudo que se lhe afigura

contrário ao sempre perseguido sonho de igualdade entre os homens.

Atividade simbólica irresistivelmente transitiva, a literatura atua sempre em solidário regime de permanente parceria com o outro; outro esse que ela procura, bem como representa no interior das suas estéticas formulações verbais. Na crônica literária de Gonzaga Rodrigues, numerosos e multiplicados são os outros que ele toma como extensão do seu eu, sempre desejo de compreender e transfigurar o mundo, sendo um dos mais recorrentemente abordados, a cidade; cidade que é tanto tópica recorrente das poéticas da contemporaneidade, quanto um valor, muito mais que um tema obsessivamente cultivado pelos cronistas. Aqui, à luz do que preconizou Paulo Mendes Campos, outro exímio cronista brasileiro, Gonzaga Rodrigues constata que “as cidades mudam mais depressa do que os homens”; mudanças essas nem sempre alvissareiras, antes, indisfarçavelmente, sinalizadoras de acelerados processos de desumanização. É quando, na palavra do cronista, e na poética de Gonzaga Rodrigues o roteiro não é diferente, celebração e contestação; louvor e denúncia consorciavam-se, inseparavelmente, como face e contraface de uma mesma realidade.

Memorialística, em seu indesejável cerne, a crônica literária de Gonzaga Rodrigues, acumpliciada a uma delicada e tocante melancolia, entoava um elegíaco canto ao que Carlos Drummond de Andrade, dialogando, intertextualmente, com um clássico verso do genial Luiz Vaz de Camões, chamou, em esplêndido e impactante verso, de “a grande dor das cousas que passaram”. A passagem inflexível do tempo, bem como a aferição implacável que ele exerce sobre todas as glórias humanas, impõe-se como uma tópica recorrente do cronicário de Gonzaga Rodrigues. A consciência, visceral e desconfortável, da passagem do tempo, conflui para a percepção da inevitável aproximação daquela que o imenso Manuel Bandeira chamou de *A Indesejada das gentes*, no paradigmático poema “Consoada”.

A solidão, a amizade, o amor, a velhice, a política, a literatura, a ciên-

cia, eis o vasto e associativo campo de interesses percorridos pela crônica literária de Gonzaga Rodrigues, um homem que, autodidaticamente, ameahou um volume de conhecimentos verdadeiramente memorável e digno de aplausos de tantos quantos têm o privilégio de conviver com tão cativante e empática figura humana. Comunicativo, simples e altamente solidário com o outro, Gonzaga Rodrigues também pontificou como um mestre para inúmeras gerações de jornalistas e cronistas que se espolharam em sua ascensional trajetória, nela encontrando uma fonte segura de diversificada e sólida aprendizagem.

Finalizando essas breves considerações, convém realçar outra virtude cardeal da crônica literária de Gonzaga Rodrigues: o estilo que a emoldura e lhe confere inconfundível fisionomia e identidade. Ático, despojado de artificialismos retóricos plenamente dispensáveis, o estilo de Gonzaga Rodrigues bebe na fonte, principalmente, de um Graciliano Ramos, cuja prosa tinha a virtude de atingir, diria o insuperável Rubem Braga, “com o mínimo de elementos, o máximo de matizes”.

Com Roman Jakobson, nome emblemático do Formalismo Russo, corrente teórica que revolucionou os estudos literários, no início do século vinte, aprendemos que “a literatura não vale pelo que diz, mas sim pela forma como o diz”. E, novamente com Eduardo Portella, somos instruídos no sentido de que “o que assegura o sucesso ou o fracasso de uma obra literária não é a temática que ela exhibe, mas sim os trabalhos que se operacionalizam na linguagem”. Assim opera a frequência literária de Gonzaga Rodrigues, indo ao âmago das coisas, com um lirismo, cabralinamente, quase antilírico; e com uma literariedade assumidamente magra, roçante do ascético, mas, paradoxalmente, iluminada e iluminadora, das cenas e cenários de uma realidade que, nas hábeis mãos do exímio cronista, resulta, indiscutivelmente, mais bela, tocada pela beleza que a arte literária, portadora de superior qualidade, é pródiga em revelar.

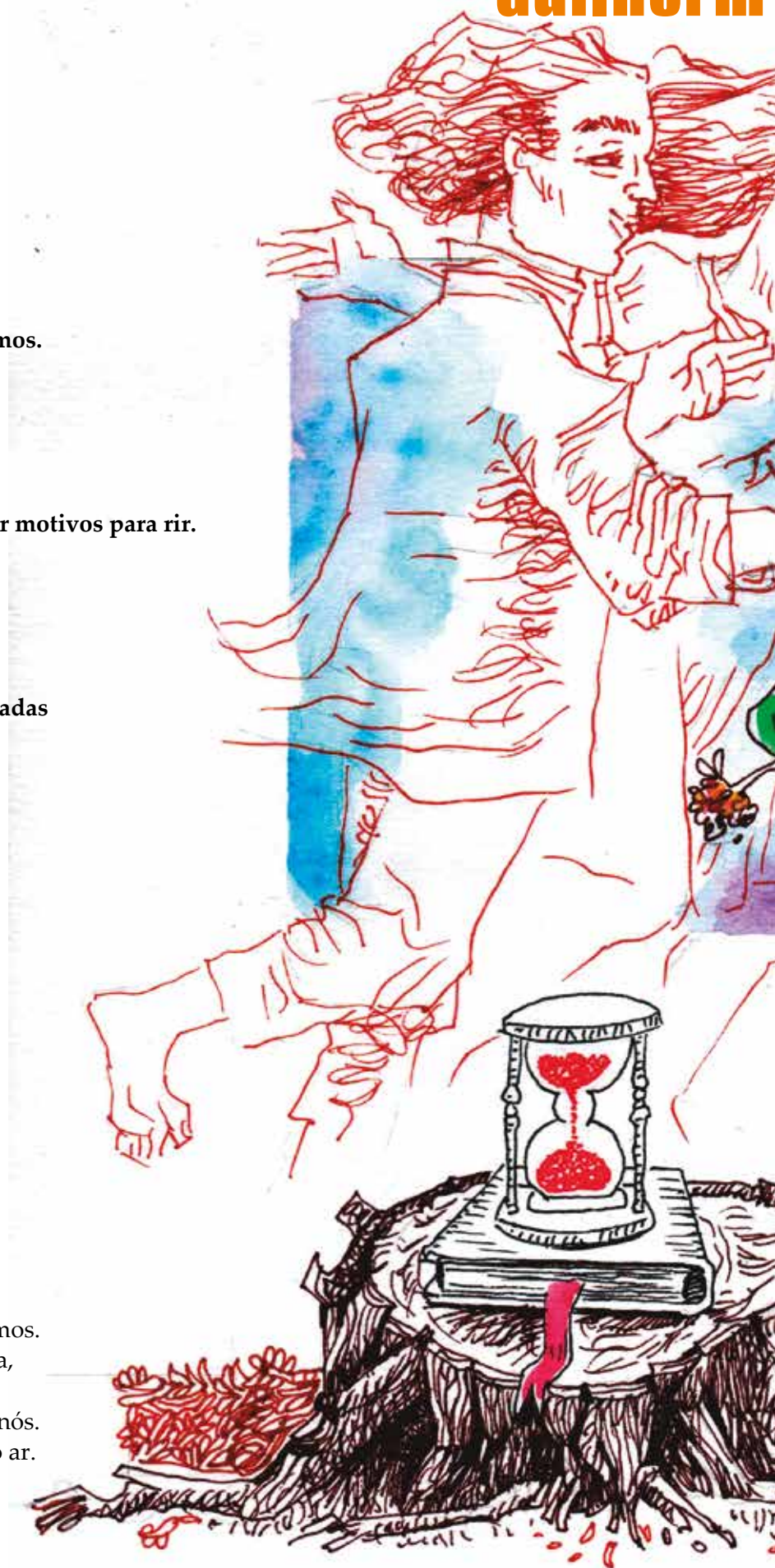
**JOSÉ MÁRIO DA SILVA** é professor da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e membro da Academia Paraibana de Letras (APL) e da Academia de Letras de Campina Grande (ALCG). Mora em Campina Grande (PB).

**poema de outubro**

e então tudo será como antes:  
 nossos beijos, morcegos indiscretos,  
 a madrugada escapando  
 de janelas rasantes,  
 os teus olhos abertos,  
 o medo e a coragem daquilo que seremos.  
 falaremos novos dialetos,  
 engoliremos sílabas,  
 deixaremos de contar  
 os segredos e o tempo.  
 chegaremos muito perto da morte  
 e ela será pequena ao ponto de nos dar motivos para rir.  
 discutiremos a beleza das palavras  
 e elas parecerão feitas de coisas.  
 alcançadas pela manhã,  
 tuas risadas serão vestígios  
 de fotografias não retiradas.  
 nossas memórias, neblinas mal projetadas  
 e acordaremos do sonho.

**tenda dos milagres**

Teus pés pisando os meus pés  
 muito depois da noite.  
 Barcelona será um detalhe  
 e um sabor nas nossas bocas.  
 A Bahia, um sonho.  
 Teu sorriso, uma tenda  
 Para se estender por debaixo.  
 Tuas risadas, milagres  
 minuciosamente examinados.  
 As palavras, cidades  
 sussurradas para não acordarmos.  
 Para que não fuja a madrugada,  
 para que tenhamos tempo.  
 Como se costume, falamos de nós.  
 Nossa solidão está palpável no ar.  
 Estamos completos  
 porque estamos sendo.  
 O futuro é um mistério  
 que não nos abandonará.  
 A saudade é quase a nossa única certeza,  
 e os dias que serão nossos.





# e Lucena

ILUSTRAÇÃO: TONIO



## sobre o silêncio e outras formas de despedida

motivos para te escrever tenho vários.  
porque nunca te direi  
aquilo que meus olhos veem.  
porque escrevo o que não digo.  
porque ando indeciso e repetitivo,  
e não há nada mais que se repita  
que listas de compras e de motivos.  
porque amo e estranho  
o sabor que as palavras ganham na tua boca.  
porque teu dizer me encanta e machuca,  
porque são do prodígio das palavras  
as maravilhas e as coisas estúpidas.  
motivos para não te escrever tenho outros.  
porque tenho tido dificuldade de esquecer dos sonhos.  
porque as crenças andam com pudores excessivos,  
porque tenho criado algum senso de ridículo  
e desconfiado da verdade dos meus poemas.  
motivos para o silêncio  
são meus exercícios de paz e guerra comigo.  
as mentiras que me conto sobre a insistência do destino.  
O destino, esse desdém  
que faz da vida um desatino.

**GUILHERME MORAIS** é natural de João Pessoa, mas viveu durante a sua vida entre a capital paraibana, a cidade de Campina Grande e Coimbra (Portugal). Nasceu em outubro de 2000 e retomou a vida na capital do estado em 2018, na qual é, desde então, estudante do curso de Direito na Universidade Federal da Paraíba (UFPB),





## O urso

Um urso assenhorou-se de uma mansão. Andou pelo jardim, bebeu água da piscina, puxou flores em decomposição para a garganta, quase se entalando. O urso ficou no andar superior observando as colinas distantes – e sempre se coçava com as brisas que o fustigavam. Cheirava as mãos, ainda com resíduos de flores fedidas, e ria. Um urso alegre bate com os dentes nas vidraças, assovia para o raio de sol no tapete. Um urso alegre ronca como um motor surtado. Um urso alegre chama pelo brado a chuva mais lúgubre que, um dia, banha toda e qualquer alma. E foi com tal chuva que o urso começou a desandar. A trocar os pés pelo focinho. A pular de banda como um cão picado por mau-olhado. E dentro da mansão o urso se trancou no quarto mais maciço, dia após dia, rigoroso na sua tristeza. E o urso, sem saber se levantar, optou pela água. Tomou com a mão a garrafa de água ali exposta e passou a limpar os sovacos, as sobancelhas, os pelos dos braços. Só os banhos lhe davam algum alento. Os banhos e mais nada. O urso aí teve uma preocupação: a água era pouca, estava se finando. E ele, na sua grande tristeza, ainda precisava lavar as mãos.

Rinaldo de Fernandes, é escritor, crítico de literatura e professor da Universidade Federal da Paraíba. Mora em João Pessoa (PB).





# MUSEU DO RÁDIO PARAIBANO

marketing epc

O Museu do Rádio Paraíba (MRP) é mais um espaço de cultura criado dentro do contexto da política de preservação da história, implementada pelo Governo do Estado da Paraíba.

Aqui, resgatamos o fazer radiofônico em exposições permanentes e temporárias, apresentando a evolução tecnológica do meio. Transmitindo fatos, música e cultura, o rádio tornou-se espelho de nossa vida, fazendo do MRP um importante ponto de contato com as memórias noticiosas e lúdicas, e com as vozes e canções que alimentaram a nossa relação afetiva com esse centenário meio de comunicação.



Horário: 9h às 16h

Local: Rádio Tabajara - Av. Dom Pedro II, 3595, João Pessoa - PB





*Transformando vidas  
pela música*

Escola de  
Música Sesc  
Dom Ulrico

**Sesc**  
Fecomércio  
Senac